O Malho
ANNO XXXIII
NUMERO 70
4 - 10 - 1934
Preço 1$200
UM EXERCITO DE IDEIAS
E FIGURAS BIZARRAS. . .
CONTO NO TEXTO DE
JARBAS DE CARVALHO
Theof

As cousas que agradam aos olhos, depressa vão ter ao coração, e ensinar o gôsto é, inevitavelmente, formar o caracter. — *John Ruskin*.

O MALHO

Propriedade da S. A. O MALHO
Director: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Travessa do Ouvidor, 34—C. Postal 880
Telephones: 3-4422 e 2-8073 — Rio

Preços das assignaturas
Annual, 60$ --- Semestral, 30$

NUMERO AVULSO EM TODO O BRASIL 1$200

O PROXIMO NUMERO D' O MALHO

Entre outros assumptos da proxima edição, destacamos:

O BRASIL NOVO

Chronica de Dom Aquino Corrêa—Illustração de Muccillo

A VICTIMA DO INFERNO VERDE

Conto de Americo Palha — Illustração de Cortez

SEGUNDA CLASSE

Chronica de Magdala da Gama Oliveira — Illustração de Théo

ESPECIALISTAS...

Texto e illustração de Justinus

LIÇÃO DE SOFFRIMENTO

Chronica de João Esteves

HUMORISMO ALHEIO

NO PAIZ DA NEVE

— Veja! Por aqui passou um homem.

(De *Gutiérrez*, Madrid)

— Seu filho deve gostar muito de pinturas, não é verdade?
— Muito. Ainda hontem, num descuido, bebeu um gole de tinta azul.

(De *Le Miroir du Monde*, Paris)

O DISTRAHIDO

— Conheço o senhor mas, não posso me lembrar de onde.

(De *Estampa*, Madrid)

PONTOS DE VISTA...

— E' o que lhe digo, amigo. Todos nós temos a nossa estrella...
— Todos, não. Os capitaes têem tres.

(De *Gutiérrez*, Madrid)

— Como, senhor Duplan! o senhor vem trabalhar no dia que enterram sua sogra?
— Sou assim, senhor: primeiro a obrigação depois a distracção...

(De *Le Journal Amusant*, Paris)

MENDIGOS MODERNOS

— Que deseja?
— Um pouquinho de gasolina para o meu automovel...

(De *Gutiérrez*, Madrid)

Caixa d'O Malho

DIOGENES, BARÉ, LUIS WASHINGTON (Rio) — Já respondi, na semana passada, a uma carta sua, assignada, se me não engano, com o pseudonymo — Realista. Agora, manda V. tres cartas com tres novos pseudonymos: Diogenes, Baré, Luis Washington. Por que esses disfarces? A minha resposta continúa a ser a mesma da semana precedente: Isso não é poesia. Philosophia, humorismo, talento descriptivo — tudo quanto V. quizer, menos poesia. Demais, a sua Musa é a mais leviana que eu conheço: foge-lhe no momento em que a inspiração lhe vae sahindo melhor. De maneira que os seus versos parecem uma carreira accidentada, cheia de derrapagens e quédas sensacionaes.

Não pude aproveitar nada.

J. A. (Rio Claro) — Seu conto é de uma brutalidade inutil. Uma brutalidade secca, que não convence, que não impressiona. A narrativa demora-se na chronica da "bandeira", que não interessa, senão indirectamente, ao assumpto, e de repente, precipita-se em duas tragedias estupidas. O drama psychologico das personagens centraes, no scenario de uma natureza esmagadora e selvagem, não lhe interessou. A tragedia sahiu-lhe das mãos, feito reportagem policial... Desta vez, V. não acertou. Talvez, pressa de acabar o conto. Talvez, desconhecimento do assumpto: "bandeiras", garimpos, psychologia do selvicola...

O que V. me conta na carta, sobre a Escola Nacionalista, é saborosissimo. Isso, sim, que vale um conto, narrado ao vivo.

MARIA CLARA (?) — Francamente, não gostei do seu conto sem titulo. Fraquissimo o enredo e o seu estylo ainda bem infantil.

JOSE' MILLAD (Pindamonhangaba) — Recebi e obrigado. Breve, sahirá a noticia na secção competente.

LOURDES (Rio) — Fiquei "cheio de dedos" com os conceitos da sua querida vovó. Pode enviar o mesmo trabalho, bem como a illustração. Provavelmente ambos estão em condições de ser publicados.

VALENÇA LEAL (Maceió) — Desta vez vae. Questão de dois ou tres numeros mais...

JOÃO PASSOS CABRAL (Aracajú) — O meu juizo a seu respeito continúa o mesmo. A questão é que, para mim, qualquer pagina d'*O Malho* é boa. Entretanto, para mostrar-lhe o quanto o tenho em conta, os outros dois sahirão com maior destaque.

DR. CABUHY PITANGA NETO

Contornando o botão...

Mais uma novidade que surge destinada a ser acolhida com applausos por parte das donas de casa:

Trata-se de um novo modelo de ferro de engommar electrico, tendo, na parte anterior da placa passadeira, uma cavidade que permitte passar todas as peças de roupa com botões, contornando-os.

Obtêm-se assim peças bem passadas em toda extensão, poupando-se a roupa e os proprios botões.

A forma delgada, de ponta afilada e flancos inclinados; a confecção optimamente nickelada de todas as partes, inclusive da placa; o pegador adaptado á conformação da mão, — caracterizam esse ferro de alta qualidade, que, apesar das suas innegaveis vantagens, não custa mais caro que os outros ferros importados.

Este novo modelo, conhecido sob o nome de "PROTOS", é encontrado em todas as boas casas do ramo, no Rio.

O MALHO em Botucatú

Hermano e Raul Gonzalez de Moura, do Tiro de Guerra 523 de Botucatú, S. Paulo, e alumnos do 3º anno do Gymnasio Diocesano daquella cidade. São filhos do Sr. Antonio de Moura, 2º official da Directoria Regional dos Correios e Telegraphos desta Capital.

Descobertas archeologicas graças aos raios

Em Arcole, pequeno burgo tornado celebre pela victoria de Napoleão I sobre os Austriacos, cahiu, em Julho ultimo, um raio sobre uma fazenda, occasionando um buraco no soalho de um quarto de dormir.

Os donos da herdade, tendo occorrido ao logar, para verificar os prejuizos produzidos pela descarga, encontraram sob o soalho uma grande quantidade de fusis, sabres e bayonetas da época napoleonica.

Raios desses não fazem mal, e doravante pode-se desejar mesmo que venham...

PROGRAMMA

Nunca mais nos esquecemos do Tancredo.

O Tancredo era um garoto de quatorze annos, endiabrado que não gostava de ver nada quieto, nada em seu logar competente.

Na escola, escondia a merenda dos collegas dentro dos seus sapatos sujos, emendava para errado as operações de arithmetica que os outros depunham em cima da mesa do professor afim de serem corrigidas, rasgava as paginas de todos os livros que lhe passassem ao alcance.

Era um pequeno demonio, que ninguem supportava.

Fóra da escola, então, o Tancredo dava expansão ao seu genio, ora abrindo os portões das casas onde havia cachorros brabos, ora deitando "bolas" envenenadas a cãesinhos de estimação, etc.

Um dia, em companhia de outros peraltas, foi elle tomar banho no rio, como era costume no logarejo onde fomos conhecel-o.

E já despido, prompto para cahir nagua, eis que o Tancredo dá com a vista numa casa de maribondos que pendia de um arvoredo marginal e joga-lhe uma pedra certeira, derrubando-a.

Foi a conta.

Em um segundo, uma nuvem dos hospedes daquella residencia de insectos envolveu o atirador, picando-o em varias partes do corpo, inclusive em algumas que só poderiam ser alcançadas naquellas circumstancias...

—:—

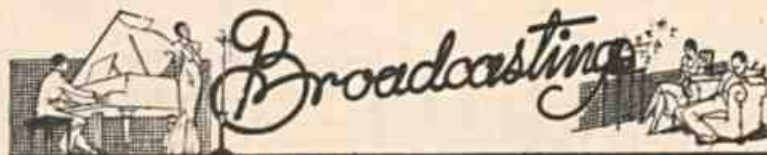
Sempre que me lembro desse episodio evito fazer criticas aos nossos artistas de "broadcasting", que constituem, sem duvida alguma, uma casa de maribondos perigosissima.

Mas é o diabo!

De quando em quando, a gente se distrahe e deixa revelar-se um pouco do Tancredo que temos dentro de nós, atirando pedras nesta ou naquella direcção, e lá vem picadas...

O que nos vale é que não andamos despidos...

O. S.

— "Exaltação", musica de Waldemar Henrique e letra de Valentina Biosca, foi a canção que Alda Verona gravou em discos "Victor", em cujo verso figura a valsa de Silvan "Teus labios fugiram dos meus".

PROGRAMMA MANOEL MONTEIRO

— Manoel Monteiro, o festejado cantor de fados, que é um dos mais emotivos interpretes da musica e da alma de Portugal, resolveu fazer tambem um programma seu, encabeçado pelo seu nome, garantia bastante para uma realisação desse genero. O "Programma Manoel Monteiro" teve inicio a 25 de Setembro, na "Radio Educadora", com o concurso do professor de guitarra Manoel Caramês, outro elemento de relevo, na sua especialidade, dentro do nosso "broadcasting".

RADIO-CORREIO

Zilda — Capital — Gosto não se discute, Sta. Ha rifão popular, até, que diz: — "Si não houvesse gosto, não haveria chapéo de sol amarello". Assim, podemos achar detestavel aquillo que a Sta. acha uma maravilha, ou vice-versa. O que não devemos é insultar um ao outro, por causa disto, perdendo tempo com cartas desaforadas e outras inutilidades dessa natureza. Continúe, pois, admirando os artistas que entender. Por que não casa com um delles?

—:—

Jimmy Durante — Capital — O amigo deve dirigir-se á secção "Radio Curioso", que uma revista mantem. Nós não temos espaço para tratar de factos e cousas relativos á vida dos cantores de radio, seus gostos e desgostos. "Au revoir" em francez.

O QUE VAE PELOS STUDIOS

— Parece incrivel! Ainda estamos em Outubro, no principio do mez, aliás, e já os nossos "studios" de gravações phonographicas estão em plena actividade carnavalesca! E' a grande parada que se annuncia! O samba e a marcha vão começar o seu reinado e os compositores desse genero madrugaram no preparo das baterias de suas inspirações. Cantores novos e cantores consagrados enfrentar-se-hão no grande prelio, disputando as graças da opinião publica. E dizer-se que o Carnaval só vae ser lá para Março...

—:—

— Podemos adeantar, desde já, que o proximo Carnaval vae marcar um acontecimento que merece um relevo especial: — é a inscripção do grande interprete que é Gastão Formenti entre os cantores de motivos populares. Escolhendo cousas leves, delicadas, dignas da sua sensibilidade, elle, ao mesmo tempo que se mantem no seu logar de artista fino, entrará em contacto com o paladar dessa hora de vertigem e estonteamento, em que os ajuizados perdem a cabeça... A adhesão de Gastão Formenti ao espirito carnavalesco da cidade vae ser uma nota do mais palpitante interesse.

SEMELHANÇA...

— Quando o receptor tem defeito, meu marido o concerta.

— Elle entende de radios?

— Entende, está claro. Tem uma officina para concerto de machinas de costura e bicicleta...

NOTAS FÓRA DA CLAVE

Não são poucas as vezes em que leitores nossos extranham a publicidade, nesta secção, de noticias que já perderam, no momento de vir a publico, a sua opportunidade.

Diversas vezes estivemos para responder por esta mesma secção.

Mas como a maior parte dos que extranhavam fazia-n'o verbalmente e eram elementos dos meios de radio, com os quaes convivemos, sempre lhe demos explicações verbaes, adiando, assim, a que agora fornecemos aos leitores.

E' que "O Malho", como todos os semanarios e revistas desta capital, tem a sua materia editorial encerrada alguns dias antes da sua circulação, pois os serviços de composição, paginação, impressão, etc., requerem cuidados de que a pressa é inimiga.

Assim, um facto que noticiamos hoje, mas cuja noticia foi redigida com antecedencia, pode ter a sua physionomia alterada, ou mesmo completamente modificada em sentido contrario.

Faz-se mister, pois, não só um modo de redacção differente, como tambem a escolha de assumptos que não se adulterem facilmente, no contacto com a vertigem da vida moderna.

Tem-nos succedido, não poucas vezes, inserir authenticos *furos* que, ao sahirem, já são conhecidos.

Isto serve, porém, para demonstrar que esta secção do "O Malho", apesar de tudo, procura servir o melhor possivel a quantos lhe dão o prazer de sua leitura.

MUSICAS NACIONAES

— José Maria de Abreu, o compositor de "Si eu fizesse uma canção para você", que Gastão Formenti creou, ha tempos, com exito notavel, vem de lançar uma nova valsa de sua autoria.

Intitula-se: — "Por ti, falam teus olhos" e foi gravada em disco "Columbia" pela voz expressiva de Sonia Barretto, havendo a edição em papel sido entregue áos cuidados do editor Mangione.

FIO TERRA...

— Sabes por que o Brasil não vae para frente?

— Não. Ha alguma razão especial?

— Ha. E' por causa da "Radio Guanabara".

— Como assim?

— Em todas as irradições dessa estação os seus *speakers* não deixam de dizer: — "A vóz da "Guanabara" pára o Brasil"...

GRANDE CONCURSO RADIOPHONICO

O EXITO SEM PRECEDENTES DO CERTAME DE PALAVRAS CRUZADAS DO "PROGRAMMA CASÉ", COMBINADO COM "O MALHO"

Não exaggeravamos quando attribuimos um successo absoluto ao concurso de palavras cruzadas que o "Programma Casé", articulado com O MALHO, resolveu promover.

E em vez de dizermos que o mesmo está excedendo a nossa expectátiva, diremos, para seu maior elogio, que elle corresponderá ás nossas estimativas, tal o numero de concurrentes já inscriptos.

Aos nossos leitores do interior, que concorrerão ao certamen com o mappa publicado pelo o O MALHO, prevenimos que o mesmo deve ser assignado em qualquer parte em que isto seja possivel, ou vir acompanhado de uma carta com a respectiva assignatura.

Havendo a primeira relação terminado no numero 49, proseguimos hoje a partir do numero 50.

Outrosim, para economisar espaço, vamos supprimir a indicação de residencia, resolvendo-se qualquer duvida, em caso de nomes em duplicata, pela assignatura do mappa.

Eis a segunda relação:

50, Elisa Prado: 51, Olga da Silva Prado; 52, Carmen da Silva Prado: 53, Ruth da Silva Prado: 54, Arlette Vetromille de Lima: 55, Neusa Maris; 56, Aristotelina Vetromille; 57, Eurydice Marins: 58, Sylvia Marins: 59, Jeronymo Emiliano Vetromille: 60, Esther Abreu do O' de Almeida: 61, Esculapio Castilho do O' de Almeida: 62, Sarah Mauricio de Abreu; 63, Jorge Campello Mauricio de Abreu: 64, Alzira Souza: 65, Lucio Rodrigues: 66, Nelson Delgado: 67, José Delgado: 68, Nadyr Borges Delgado: 69, Jair Delgado: 70, Maria José Delgado: 71, Iracema Delgado: 72, Adelina Delgado: 73, João Jamenho da Silva: 74, Luiz Carlos Motta: 75, Francisco Teles: 76, Jacy Pavageau: 77, Maria da Cunha Pavageau: 78, Alfredo Pavageau: 79, José Barosi de Oliveira: 80, Philadelpho da Silva Leite: 81, Altina Lago Leite: 82, Lêda Vianna: 83, Celita Cunha Gonçalves, 84, Wilson Vianna: 85, Rita Laffitte: 86, Léa Corrêa Vianna: 87, Izabel Lemos: 88, I. Moniz: 89, Alice Magalhães: 90, Walter Carvalho: 91, Dulce Gaudie Ley: 92, Nadyr de Carvalho: 93, Delio Gaudie Ley: 94, Luthgard Carvalho: 95, Zilda L. Moniz Ribeiro: 96, Gilda d'Almeida Mattos: 97, Helena d'Almeida Mattos: 98, Marilla Nery Costa: 99, Maria Hitiá de Araujo: 100, Paulina Angelica de Carvalho: 101, Iracema Horacio da Cunha: 102, Edith Leyrand: 103, Véra Leyrand Marquezi: 104, Cléa L. Marquezi: 105, Aida L. Marquezi: 106, Alfredo Leyrand Marquesi: 107, Alice Scutz: 108, Leunam Moniz Ribeiro: 109, Luiz Onofre: 110, Eny Leyrand Moniz Ribeiro: 111, Ivan Leyrand Moniz Ribeiro: 112, Maria Apparecida L. M. Ribeiro: 113, Maria de Lurdes M. Rib. da Costa: 114, Ana das Vitorias M. Ribeiro: 115, Stephania Moniz Ribeiro: 116, Mme. Medeiros Pontes: 117, Ruth Medeiros Pontes: 118, Tharcilla Moniz Toscano de Britto: 119, Antonieta Pinto Coelho Macedo: 120, Dr. Cordovil Pinto Coelho: 121, Maria de Lucca Pinto Coelho: 122, Julio Narciso Caldas: 123, Lolita Moura: 124, Eduardo Pecorari: 125, Aurora Almeida: 126, Francisco Storino: 127, Renato Rabello: 128, Paulo Rabello: 129, Edgard José Marins: 130, Alberto José Marins: 131, Benedicto Peçanha: 132, Lia Pederneiras: 133, Jorge de Faria 134, Helio Pederneiras: 135, Edgard A. Alhadas: 136, Luiza Pederneiras: 137, Alfredo Aragão: 138, Julia Pederneiras: 139, Jorge de Barros: 140, Fred Colonia: 141, Diva da Silva: 142, Dinah de Andrade, 143, Dolores Barbosa: 144, Maria de Andrade: 145, Zaild Andrade Silva: 146, Dinorah de Andrade: 147, Maria Pinto Hilario: 148, Graziella Passos: 149, José Julio de Medeiros: 150, Julio José Medeiros: 151, Otton Eugenio Menezes: 152, Adherbal Lourenço Iglezias: 153, Waldemar Eugenio Menezes: 154, Amalia Assumpção Menezes: 155, Maria de Lourdes Azevedo, 156 Desuilta de Carvalho Lopes: 157, Ten. Adroaldo Barbosa da Silva: 158, Hilda Assis Schneider: 159, Gilda Assis: 160, Annita Schneider: 161, Antonio José Galvão Junior: 162, Ely Tesch Furtado de Mello: 163, Auly Tesch Sandy Furtado: 164, Roberto Pereira dos Santos: 165, Inah Maria Barreiros: 166, Edyr Miranda: 167, Aylton Alves: 168, Elvira de Sá: 169, Vicente Pereira de Carvalho: 170, Sylvia Guimarães de Carvalho: 171, Camillo Penna: 172, José Albano Fragoso: 173, Oswaldo Maia Cossenza: 174, America Maia: 175, Sebastião Marques: 176, Juvenal José Rodrigues: 177, João Fortes Bustamante Sá: 178, Flora Benevides: 179, Neusa Gouvêa: 180, Milton de Oliveira: 181, Jayme da Rocha Vogeler: 182, Etelvina Figueira Affonso de Carvalho: 183, Francisco Pereira Sodré: 184, José Valladão: 185, Laurinda Vieira: 186, Arthur Lopes da Conceição: 187, Irene Conceição Azevedo: 188, Eugenio A. Pimentel Pereira: 189, Francisca Pinto Pimentel: 190, Walter Cerqueira de Oliv. Guimarães: 191, Jadyr Cerqueira: 192, Olympio de Oliveira Guimarães: 193, Durval Netto: 194, Nelson da Silva Lemos: 195, Antonio Mercante: 196, Carlos Alberto da Silva Lemós: 197, Arthur Carneiro: 198, Thiers de Oliveira Cavalcanti: 199, Elza Marinho Pinheiro: 200, Antonio Palumbo: 201, Carlos Vieira de Barros Leite: 202, Lauro de Oliveira: 203, Ismar Pereira: 204, Irany de Mello Pereira: 205, Affonso Evora: 206, Helio Viggiano: 207, Isaac Amaral Lima: 208, Carlos Cruz Esteves: 209, Oswaldo de Oliveira Martins: 210, José Pinto de Oliveira: 211, Rosa Candida: 212, Dulcides Coelho: 213, Dayse Costa: 214, Candida Carvalho Pinto: 215, Inah Carvalho Pinto: 216, Pomylio Moreno: 217, J. do Amaral Fontoura: 218, Enery Caiado Starling: 219, José Starling: 220, Antonio Ferreira Mendes: 221, Affonso Gallego Barreiro: 222, Oscar Gentil: 223, Marina Mohrstedt: 224, Margarida Mohrstedt: 225, Aura Pereira Vianna: 226, Ydersu Luiz Vianna: 227, Sylha Luiz Vianna: 228, Alayde de Carvalho: 229, Gioconda de Carvalho: 230, Elza Ferreira da Silva: 231, Stella de Carvalho: 232, Alfredo de Carvalho: 233, Marietta de Carvalho: 234, Esther Soares Pereira de Carvalho: 235, Eremildo Luiz Vianna: 236, Eliete Soares de Carvalho: 237, Kilda Eugenia Menezes: 238, Kildo Eugenio Menezes: 239, René Cavé: 240, Henedina Mendes Guimarães: 241, Antonio Guimarães: 242, Maria do Nascimento Almeida: 243, Carmosina Almeida Sentieiro: 244, Jeronimo Ramos: 245, Geraldo Gonçalves Dias: 246, Jupi Jorge de Souza: 247, Josephina Maia: 248, Laura da Costa Leite: 249, Rosa Gizuiba: 250, Romualdo Ricardo Lopes: 251, Anna da Costa Leite: 252, Fanny da Costa Leite: 253, Carlos Costa Leite: 254, Nelson Medeiros: 255, Carmen da Rosa Oiticica: 256, Eugenia Soares da Silva: 257, Eduard Cordovil Vianna: 258, Zeny Lucas: 259, Rosalvo Gamenho da Silva: 260, Lucília Gamenho da Silva: 261, Victoria Gamenho da Silva: 262, Adelina Siqueira Fernandes: 263, Aracy R. Cantolino: 264, Natalina Andrade: 265, Zulmira R. Cantolino: 266, Bartyra de Oliveira: 267, Astréa R. Cantolino: 268, Sebastião Vieira Junior: 269, Zelia Beirão Silva: 270, Brega Netto: 271, Maria Rocha: 272, Jurema Cantolino: 273, Carlos Braga: 274, Oscar Rheingantz: 275, Sylvio Borges: 276, Dr. Americo Marinho Pinheiro: 277, Francisco Montarroyos Costa: 278, Antonio Tavares: 279, Alfredo Pereira dos Passos: 280, Oswaldo Siqueira: 281, Adgenar Leite Nabuco de Araujo: 282, Augusto Pena Leite: 283, Raymundo Newton de Paiva Leitão: 284, Philippe de Paiva Barretto: 285, Anna Nabuco de Araujo: 286, Jesuino Leitão: 287, Antonio Fernandes de Mello: 288, Antonio Santos Vasconcellos: 289, Idalina Lopes de Matos: 290, Ermelinda de Oliveira Lopes: 291, Ten. Hugo Claro: 292, Manoel França Lopes: 293, Antonio Rodrigues Costa: 294, Leopoldino Rosa: 295, Damião Mendonça: 296, Alipio P. da C. Filho: 297, João de Oliveira Leite: 298, Dr. Walter Masson Pereira de Andrade: 299, Ten. Alvaro Gonçalves: 300, Alice da Cunha Rosa: 301, Maria Amelia Vieira: 302, Arlette Ferreira da Costa: 303, Maria Luiza Motta de Oliveira: 304, Bento da Cunha Rosa: 305, Juracy Araujo de Abreu: 306, Pedro Paulo dos Anjos: 307, Judith Silva: 308, Lucrecia de Oliveira: 309, Gloria de Oliveira: 310, Gilda Baptista Assis: 311, Sylvia Baptista de Assis: 312, Gilberto Ferreira Mendes: 313, Isabel Ferreira Mendes: 314, Zilda Alves de Lima: 315, Odette Ferreira Campello: 316, Yedda Ferreira Campello: 317, Magdala Ferreira Campello: 318, Edwin M. Stojack: 319, Mildred Francis Stojack: 320, Maria Stojack: 321, Noemia Reis e Sauz: 322, Luiz Reis e Sauz: 323, Hesiodo Reis e Sauz: 324, Yvonne Reis e Sauz: 325, Hugo Reis e Sauz: 326, Raphael Reis e Sauz: 327, Ivo Reis e Sauz: 328, Gracinda da Costa: 329, Carlos da Costa: 330, Constantino da Costa: 331, Odette de Paiva: 332, Diamantina Lage: 333, Alberto Antonio Lage: 334, José Augusto da Silva: 335, Orlando da Silva Galhardo: 336, Ulysséa Palmeira: 337, Diogenes Chaves de Souza: 338, Cloris de Souza Alencar:

NOITE DA AUSENCIA

Na tarde azul do affecto, esbatida e silente,
Soara o "angelus" do Amor para sempre passado...
A treva da saudade, inexoravelmente ,
Sobre as cousas baixou o seu véo desolado.

O homem, ferido, fez-se só... Fez-se o exilado
Do mundo, alheio ao ruido e tudo o mais vivente,
E encetou, num soluço, o caminho alongado
Sobre a noite polar do destino inclemente...

E a alma se lhe fazia, expulsa da Ventura,
Nesse exodo de sombra e de intimos gemidos,
A' luz crepuscular de profunda amargura.

Uma estrada funéria, onde mil cruzes, a esmo,
Chorassem, na mudez dos braços distendidos,
Sonhos velhos de amor, mortos por elle mesmo!

JOSÉ DE AGUILAR

PIEDADE

Quando você algum dia,
com a caricia bôa dos seus olhos
contemplar o Sofrimento da minha vida,
faça-o
longamente, ardentemente,
como um beijo de sol em mares tropicaes.

Faça-o longamente, ardentemente,
para que você veja,
Querida,
que cousas misteriosas e tão lindas
palpitam obscuras no meu ser.

e você terá pena de mim...

e como se eu fosse
uma triste creança grande,
você me haveria de embalar
na alegria perfumada dos seus olhos...

MARIO A. CABRAL

O LEÃO

(Para a menina Maria-Elisa Torres)

Ei-lo preso á corrente, andando sem cessar.
O velho tronco céde a cada arranco fórte
Que o féro bicho dá. Estão-lhe a fustigar
A saudade da mata e sua dúbia sorte.

Verga e fraqueja a ruda argola do suporte.
A corrente retine. Inutil evitar,
Agora, que o animal de tanta fôrça, córte
Os élos da prisão, e consiga se escapar.

E libertou-se, emfim, entre ferido e exangue.
Urrou, correu, parou. Fauces escancaradas,
De que vejo escorrer baba rubra de sangue...

— O leão imóla um ser nas presas esfomeadas.
O momento é de horror. Lembra o Circo Romano.
Junto ao homem, contudo, ele é bem mais humano...

ANTONIO MOURA

A "Forquilha"

DE quanta historia póde explicar uma amputação como a do antebraço de José Luiz, nenhuma é mais interessante do que a sua propria.

Toda vida não foi aquella vergonha de côto, não. Dantes, eram dedos ageis na arte de surripiar o alheio. O cabra "trabalhava" de parceria com José Trajano, outro bicho na "escamoteação". Já lá vae uma boa parelha de annos! José Trajano está hoje em Fernando de Noronha, coitado! vivendo... outra historia.

Um dia os dois se contrataram em "empreitada" — por mal dos seus peccados e pena das suas culpas — contra um diabo de usurario, cujos patacos eram mais amolgados que os do proprio velho Xisto, outra desgraça de tacanho que até ás ultimas comeu dinheiro de papel, para vomital-o lá nas profundezas do inferno — Deus me perdôe!

Elles sabiam, de antiga pratica, que a mesquinhez faz de quem della é dotado um doido de valentia em não se deixar esbulhar de seus haveres. Mas confiavam numa oração forte, que o usurario dormisse somno pesado...

José Luiz tinha uma coisa com elle: damnava-se tudo, mas elle não se entregava... Era proposito velho. Opinioso que nem a bexiga! "Cadeia não se fez para este cabra".

Porém, é como bem diz: "o destino a Deus pertence".

De passagem pela cuspida bodega de Chico Belisario, entraram.

— "Saia" duas sangona!

O vendeiro fez dois mercados de aguardente, em calices cintados de sujo velho.

José Trajano estava com uma coisa ruim no coração; a natureza lhe pedia não bebesse prô que elle ia beber.

— Olha o grogue, compadre, está dormindo?

— Decal-o...

Ali pela casa de Mané Colodino, José Luiz preveniu:

— Lá vem a "espantadeira"...

Quem vinha era a ronda do horario, num tropel que chegava a tirar fogo do calçamento com os ferrados tacões das "riunas".

José Trajano rezou a "reza da occultação"; si falhasse, José Luiz estava com a mão no cabo da "pernambucana"...

A noite estava escura como diabo. O silencio era tão grande que estalava nos ouvidos. O barulho que elles faziam, cavando um buraco na porta, para metter o braço e abrir o ferrolho, parecia um trovão. Si fosse de dia, e elles quizessem chamar um dono de casa môco, nem os "ô de casa!", nem as palmas, nem os coques com a junta do maior de todos haviam de fazer tanto alarme. E as pedrinhas que pipocavam debaixo dos pés, e iam responder lá dentro!... Não sei o que é que tem silencio para gostar de fazer zoada...

Quando José Luiz deu por finda a abertura, na ganancia de metter a mão na bocca da botija, metteu foi numa armadilha chamada.

Ah! Meu irmão! Já vi sussuarana agarrada pela pata! E já vi "estrovenga" para fazer presa num! E já vi dia de juizo! O "pirão na unha" abriu a bocca no mundo:

— Acudam! Soccorro! Estão me matando!

José Trajano, esse corria de um lado para o outro, que nem uma formiga tonta, vendo a hora em que a policia chegaria. Como de facto chegou. Elle só teve tempo de gritar prô outro: "Adeus, camarada!"

Tres dias depois deu o tetano — tres Ave-Marias! Tres Ave-Marias! — na munheca do pobre, da dentada da forquilha, um artificio de pegar raposa, guará e... ladrão. Elle baixou ao hospital, fez o "serviço"... Quando teve alta foi para tirar sentença na cadeia.

Soltou-se hoje.

VALENÇA LEAL

STAND DA S. A. MARVIN NA FEIRA DE AMOSTRAS

EM BENEFICIO
DE VOSSA
CUTIS
CONVEM SABER
Leite de Colonia
TONIFICA E REMOÇA A PELLE
LIMPA, ALVEJA E AMACIA A CUTIS
Os encantos da mocidade devem ser conservados. Os cuidados dispensados a CUTIS, evitam surprezas do tempo.
(cons. uteis.)
PHARMACIA STUDART
Leite de Colonia
MICROBICIDA E PARASITICIDA
ESPECIALIDADE DA PHARMACIA STUDART MANÁOS

O Malho

Amazonia na literatura

Nunca faltaram á Amazonia, desde velhos tempos, os males mais rudes.

Sempre um fado acerbo, traçado, preparado por algum genio infernalmente provido de singulares sarcasmos, perturba o seu destino.

Logo ao alvorecer dos seus dias historicos, o immenso valle emerge, fascinante, entre os esplendores da lenda e os negrumes da aleivosia. Orellana desce o grande rio em busca do *El-Dorado* que Pizarro annunciara e appetecera. Na soberba viagem, sob o deslumbramento de um mundo ignoto que surgia aos seus olhos, a sua alma de aventureiro reponta insaciada. E logo, para que nenhum homem culto pudesse testemunhar a famosa odysséa — expulsa da sua frota e deixa pelos barrancos desertos do *Napo* dois companheiros illustres: o Padre Gaspar Carvajal e o fidalgo Sanches de Vargas.

A ambição perturba-o cada vez mais. Esquece-se de Gonçalo Pizarro, que lhe entregara embarcações, equipagem e cem mil libras de ouro. Uma idéa unica enlaça-o voluptuosamente — offerecer ao seu rei, em troca de honrarias, a terra admiravel que se desdobrava, doce e tépida, á sua visão extasiada.

Desde a emboccadura do *Napo* dera logo o seu nome á caudal formidavel. Mas ao chegar á fóz do *Nhamundá* affirma que é atacado por uma raça estranha de selvagens, furiosa, indomavel, desesperada. Era quasi ao crepusculo, porém elle e os seus homens entrevêm, sob a vermelhidão do poente, as guerreiras ferozes. Eram, evidentemente, mulheres, veridicas mulheres, núas, ardentes, indomitas, atirando milhares de flexas sobre a apavorada expedição.

Orellana escapa ao furor das indias, e pensando que toda aquella terra prodigiosa pertencesse á assanhada tribu, cede um pouco á sua vaidade, e dá ao grande curso dagua a nome de *Rio das Amazonas.*

Talvez a admiração, talvez o temor, talvez algum vago conhecimento de historia antiga, o levasse a traspassar para a região que descobria o poetico episodio que celebrisou, na Cappadocia, as margens sagradas do Thermodon!

Mas Orellana, que talvez trahisse Pizarro, foi trahido pelo rio que percorreu assombrado; e ao voltar de Hespanha, glorificado e poderoso, desapparece para sempre, morre desgraçadamente, perdido entre as ilhas incontaveis do grande rio.

Assim — como inédita, grandiosa epopéa — revela-se aos olhos do mundo o *Valle Fecundissimo!* E poucos percebem que atravez dessa romantica revelação, dessas pompas insignes, desse faiscante heroismo de aventureiro, paira, pungente e sombria, toda uma vil cobiça de barbaro, toda uma abjecta avidez de cabotino, e toda uma lenda inverosimil!

Tal foi, no seu inicio, em 1540, a historia da Amazonia.

Desde então, até os nossos dias, ella permanece insipida, incolor, apagada, como se toda a selva, toda a agua, toda a gente vivesse suffocada sob o pallio fulgurante do feito inaudito dos hespanhoes. Ninguem confirmou a apparição que aterrou Orellana; ninguem jamais encontrou vestigio das aggressivas *Icamiabas*, e ninguem ousou subtrahir ao rio excelso o nome pittorescamente feminino que lhe déra o aventureiro.

A Amazonia adormeceu esquecida como uma remota projecção da terra brasileira.

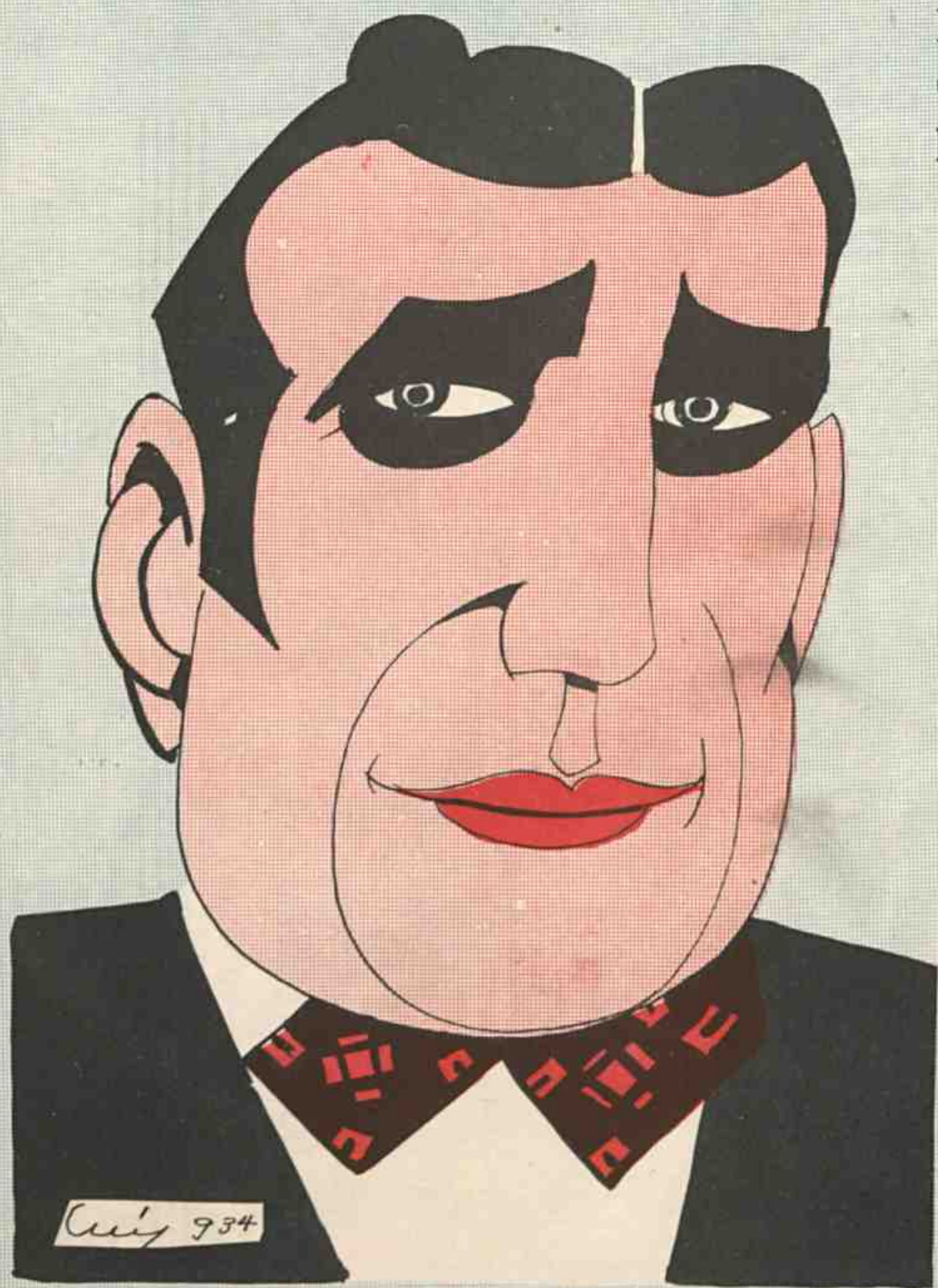
Nos arrastados dias do imperio apenas dois factos agitaram-na: a creação da Provincia do Amazonas e a *cabanagem* — uma revolta confusa onde resalta, como adoravel figura de legenda, o culto apollineo de Ambrosio Ayres.

Vem, afinal, inesperadamente, a Republica. O Pará vai lentamente, pacificamente, dentro da rotina e da paz, organisando a sua vida social e economica. O Amazonas civilisa-se celeremente, povôa-se, recebe do estrangeiro e do sul do paiz uma atordoante corrente migratoria, delira na fartura da borracha; e por muitos annos, retalhado, desgovernado, corrompido por uma politica infrene, arrasta, para além de todas as fronteiras, a fama desoladora de *Estado-prostibulo.*

Todavia, até ahi — mesmo esquecido nos tempos do Imperio, mesmo descontrolado na devassidão republicana, mesmo repudiado pelos governos e pelos Estados restantes — o Amazonas nunca appareceu na sciencia e na literatura sem o seu cunho verdadeiramente regional. Desde as chronicas de viagem do Padre Bernardino até a palavra estonteante de Euclides da Cunha, sempre lhes respeitaram as tradições, os termos proprios, as lendas, o seu inconfundivel amazonismo, unico, puro, incorruptivel.

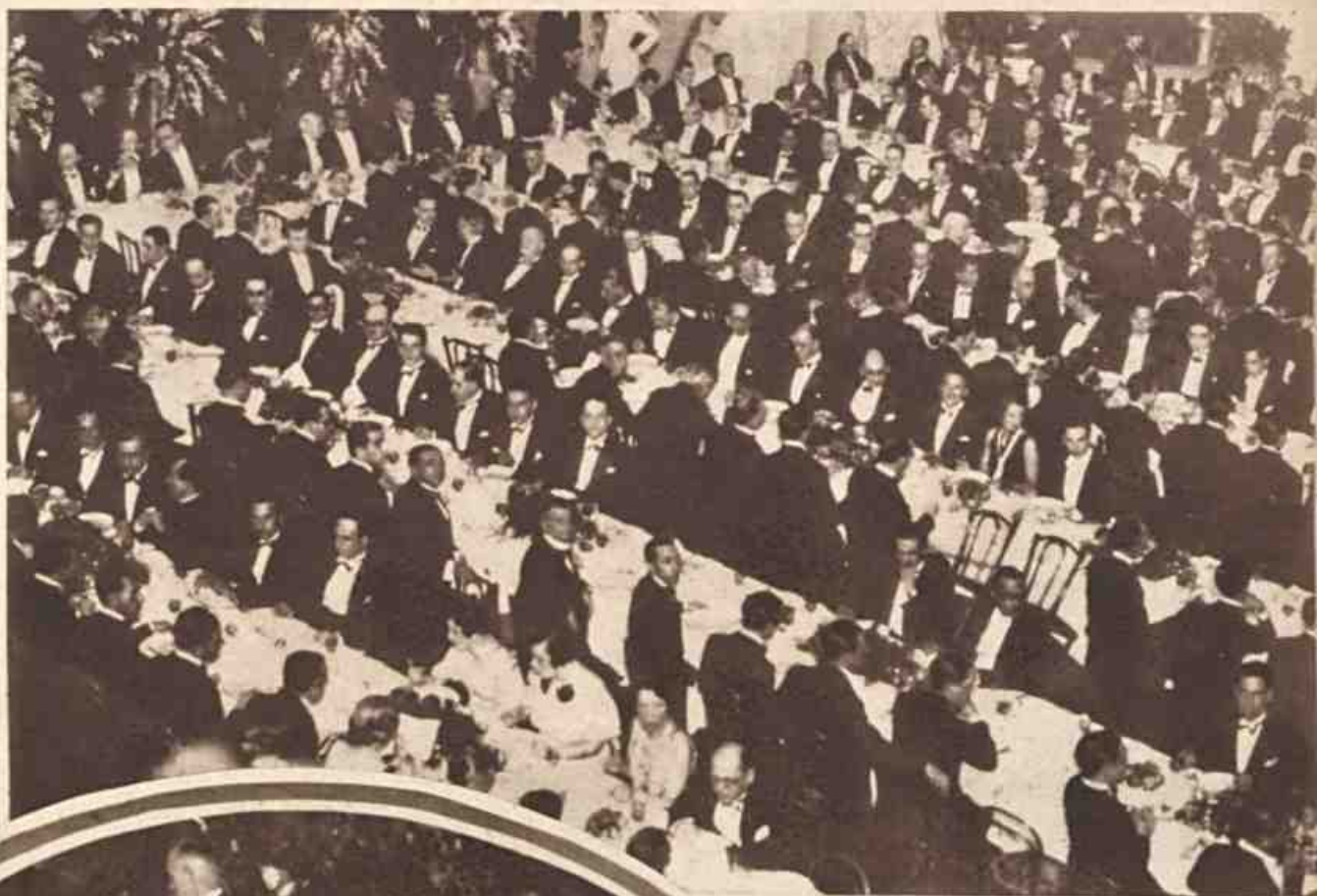
E felizmente, essa nova geração amazonica segue solicita e honesta a velha tradição — Gastão Cruls, Arthur Reis, Peregrino Junior, Abguar Bastos, Francisco Galvão, etc., erguem com um heroismo commovente o monumento historico da terra maravilhosa.

AURELIO PINHEIRO

FIGURAS CONTEMPORANEAS

PEDRO ERNESTO

BISTURI de ouro. Coração do mesmo metal. Desde que se entregou de corpo e alma á Prefeitura do Districto Federal, tem sido um verdadeiro pae para os funccionarios municipaes, a começar pelos mais humildes. De uma arrancada, mandou construir para a população infantil nada menos de trinta escolas, em pontos differentes, de accordo com as exigencias mais imperiosas de cada bairro. De outra, construiu cerca de oito hospitaes, tambem em bairros differentes, contribuindo, assim, para a solução do problema hospitalar, um dos mais angustiosos da Capital da Republica. Com serenidade, recebe as injustiças da critica, continuando a trabalhar e produzir sem esmorecimentos. O seu nome tem de ficar gravado no coração da cidade, que já muito lhe deve e delle ainda muito póde esperar.

O grande banquete ao Interventor Pedro Ernesto

REVESTIRAM-SE de grande brilho as demonstrações de sympathia e apreço feitas ao interventor Pedro Ernesto por motivo do seu anniversario, occorrido a 25 de Setembro.

Entre essas manifestações destacou-se o grande banquete, cujos aspectos aqui reproduzimos, levado a effeito no recinto do Palacio das Festas, e ao qual compareceram as figuras mais representativas de todas as nossas camadas sociaes.

A zanga da Baronesa

SERIAM 4 horas da tarde quando chegamos á estação da E. F. Mauá, no principio da Avenida, perto do obelisco. Fomos immediatamente attendidos pelo chefe do serviço, que indagou do nosso desejo. Perguntamos, então:

— A Baronesa está?

— Não — respondeu-nos o guarda — ella foi deixar uns visitantes na Feira de Amostras. Não deve demorar Quer sentar-se naquella cadeira? Acceitamos o offerecimento e pusemonos a esperar a Baronesa. Dentro de alguns minutos ouvimos um resfolegar apressado e um grito muito agudo. Era a Baronesa que vinha de volta. Não foi difficil perceber o mau humor em que se encontrava. Obter uma entrevista naquelle momento não seria aconselhavel. Entretanto, o dever de officio justificava o ataque.

Baronesa — dissemos — somos d'O MALHO. Poderia V. Excia. dizer-nos alguma cousa sobre os acontecimentos em que andou envolvida no dia de sua chegada ao centro da cidade?

A Baronesa não se fez de rogada. Com uma voz estridente de locomotiva nos foi contando as suas aventuras:

— Ora, meu caro jornalista. Veja se isto que me fizeram não dá para uma pessoa perder a cabeça. Perde a cabeça quem tem, quanto mais quem não tem cabeça. E' o meu caso. Pois eu, uma locomotiva fidalga, que transportou nos seus *wagons* soberanos e principes, condes e condessas, viscondes e barões, servindo de transporte commercial numa feira de amostras. Onde se viu isto, uma locomotiva fidalga, que ensinou a este paiz andar de trem, utilizada em misteres tão prosaicos. Quem diria que este seria o meu destino na velhice? — Um simples objecto de curiosidade publica.

— Perdão, Baroneza, — interrompemos — V. Excia. não tem assim tantas razões de queixa. Pois não viu a manifestação que lhe prestou o povo carioca em sua passagem pela Avenida?

— Ora, homenagem, grande homenagem, protestou a Baroneza. Simples curiosidade para assistir á passagem de uma reliquia historica. Eu não me engano com o povo. Sei bem que sou uma reliquia historica. O que não admitto, porém, é que façam de mim o que bem entendam. Empregam-me agora em transportar visitantes para a feira de amostras. Amanhã me entregarão a qualquer criança rica para brincar de tremzinho. Conheço bem os homens. Em compensação, vingo-me quando posso. Amassei dois na Avenida. E já tenho aqui causado os meus estragos. Não é impunemente que se transforma uma locomotiva imperial, que serviu a S.S. M.M. e a toda a côrte, que transportou os melhores pares do segundo reinado em uma conducção de curiosos e caixeiros viajantes.

❖ ❖ ❖

Mal acabava de fazer as confidencias, um grupo numeroso de viajantes a tomou de assalto afim de seguir para a feira de amostras.

A Baronesa deu um grito de desespero. E sahiu pelo trilho a fóra, resfolegando de raiva.

A estação da E. F. Mauá, no principio da Avenida.

Conduzindo alguns visitantes á Feira de Amostras.

A Baronesa quando era entrevistada pelo O MALHO.

A Sensacional Parada de Fé

(*Especial para O MALHO*)

ASSIS MEMORIA

BUENOS AIRES, a formosa metropole da America Meridional, vae reunir, nestes poucos dias, a mais numerosa e a mais selecta assembléa internacional do Continente. Será um destes acontecimentos, que marcam toda a grandeza de um seculo, assignalando-o, a letras de oiro, gravando-o em caracteres indeleveis, na Historia da America do Sul.

Quero alludir ao grandioso Congresso internacional da Eucharistia, que vae realizar-se na linda capital argentina. Segundo informações telegraphicas, ha um mez, quasi, todos os hoteis estão com a lotação completa, e, até, superlotados de peregrinos, de romeiros de toda a parte..

E', conseguintemente, o mais notavel e o mais numeroso ajuntamento, que já se congregou num trecho isolado do Continente sul-americano. O acontecimento será, portanto, memoravel, sob todos os aspectos. Cerca de seis cardeaes e um milhar de bispos, com um clero avultadissimo, darão á parada monumental de Fé, o maximo de brilho e de pompa lithurgica.

E tal e tamanha é a grandiosidade da assembléa magna, que o Soberano Pontifice commissionou o cardeal Pacelli, secretario de Estado do Vaticano, para, na qualidade de Legado nobre, representar o governo da Santa Sé.

Assistirão, tambem, ao Congresso o cardeal patriarcha de Lisboa, Gonçalves Cerejeira, o cardeal-Arcebispo de Paris, Verdier e o cardeal Savitrano, de Napoles.

Ao que se sabe, virão dois eminentes purpurados norte-americanos. Nosso cardeal-Arcebispo, S. Eminencia, D. Sebastião Leme, comparecerá á frente de cincoenta bispos brasileiros. Emfim, tudo faz prever que vamos registar, nesta parte privilegiada do Continente, o mais assignalado feito christão da nossa existencia historica.

Por outro lado, o governo argentino está envidando todos os esforços no sentido de imprimir ao Congresso a feição elevada de um acontecimento de vasta repercussão politico-religiosa. Para isso concorrem duas circumstancias, qual a qual mais auspiciosa: o espirito acentuadamente christao do grande Presidene Juse o facto singular de ser a Argentina o unico paiz da America, em que a Religião ainda está unida ao Estado.

Um trecho da Avenida de Mayo

O que, porém, augmentará de imponencia a sensacional parada de Crença da America-Latina, é a alta vibração de Fé e de enthusiasmo crente, que caracteriza o povo argentino. Como nós, aquelles nossos irmãos receberam, ao nascer para a civilização, o baptismo da mesma Crenca, o sello eterno das mesmas convicções religiosas.

Como nós, a gente irmã fez prosperar, num milagre de floração, o madeiro sagrado da Cruz, plantado pelos primeiros colonizadores da *Castella-Velha*, ás margens do Prata, nas faldas dos Andas magestosos. E a Egreja, naquella região mimosa, influiu tanto, impoz-se de tal modo, que jámais deixou de ser Crença official da nação.

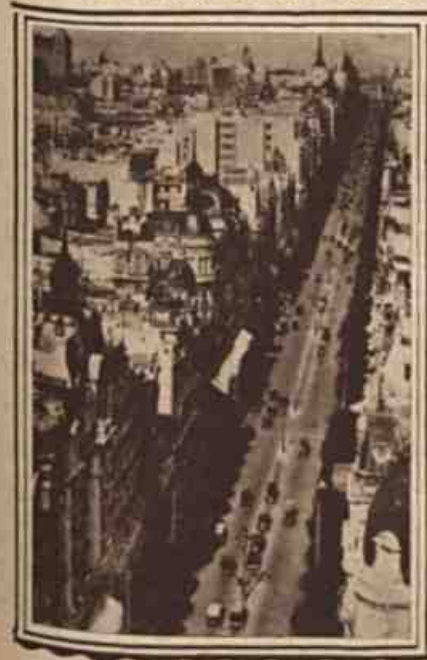
Houve a época da colonia, surgiu, com a independencia, a Republica, levantaram-se as insurreições, sobrevieram dictaduras, algumas de feição truculenta, como a de Rosas; e a Nação, a grande democracia de Sarmiento, de Alberdi, de Bartholomeu Mitre, de San-Martinho, de Rocca e, por ultimo, de Uriburu e de Justo, sempre indissoluvelmente vinculada ao principio maximo do Credo.

Facto memoravel, na verdade!

.. ..

Eu prevejo, porém, no acontecimento religioso-civico destes dias, um vulto maior, mais assignalado: é a fraternidade, cada vez mais arraigada, do Sentimento de solidariedade. Sim, dessa forte solidariedade, que, mais do que as linguas, mais do que a diplomacia, mais do que a identidade de tradições, a unidade religiosa sóe consolidar e perpetuar. O Christo dos Andes, como o do Corcovado, é a bandeira de paz, o labaro santo da união dos povos do mais formoso Continente do Mundo.

Na apotheose da Eucharistia, na marcha triumphal do *Christo-Hostia*, através da linda *Avenida De Maio*, eu estou prevendo a caminhada fulgurante da propria imagem da Paz e do verdadeiro progresso, através do solo privilegiado da America Meridional inteira.

Bello Congresso! Providencial congraçamento de tradições, de ideaes e de nobres finalidades!

VELHA MANGUEIRA

Mangueira secular de Braz de Pinna,
Passo junto de ti todos os dias,
E levo a tua imagem na retina,
Verde, a brilhar nas folhas luzidias.

A tua sombra cyclica propina
A Fé, que ás consciencias mais vasias
Leva a esperança de uma luz divina
Que dulcifica as dores e agonias.

Tristes d'aquelles que na tua alfombra
Em toda a vida uma só vez não deitam.
— E esse pezar a minha vida ensombra

Mas felizes se á sorte se sujeitam
E te amam sem gozar a tua sombra
Só pela sombra que outros aproveitam...

BELISARIO DE SOUZA

TREM DE PETROPOLIS
1934
Março

EU sou um sujeito declaradamente sentimental. E esta semana tive duas desgraças. Duas despedidas. E' o diabo a gente se despedir. O diabo. E ás vezes o individuo vae mesmo botar o pé longe do logar. Fica uma distancia medonha separando o individuo da gente. O diabo. E' um trabalho damnado a gente se ver de novo. E esse é o desejo da gente. Se ver de novo. Se rever.

Ha uns desejos que podem ser promovidos a esperança. Alguns ainda são promovidos á Realidade. Mas outros — coitados delles — nem chegam á Esperança. Um posto mais ou menos suave na carreira da vida. O Impossivel se mette logo no principio da sua carreira, e prompto. O Desejo não passa de soldado raso. Desejo só. Vontade. Sonho. E prompto. E fica nisso. E disso não sahe mais nunca. Mais nunca. Coitados delles.

A's vezes — ainda é peor — nem fica nisso. Fica abaixo disso. Na recordação. A Recordação é uma pinoia. Possue umas asas damnadas de grande, mas em vez de correr para junto do que a gente quer, só bate asas para traz. Atraz é outra pinoia ainda maior. Ainda peor. E' um castello se esfarelando. Cahindo os pedaços. Se acabando. E a gente fica aperreada. Vem depois D. Saudade, uma mulher feia, mas que passa para todo mundo como sendo o ultimo premio do Concurso de Belleza.

E D. Saudade além de feia é ruim. Não gosta de ninguem. Mette o páu em todo o mundo. E ninguem reclama. Uns até choram. Outros não. Mas todos apanham.

E' o diabo D. Saudade.

Pois é. Eu sou um sujeito declaradamente sentimental.

Sempre fui. Sempre serei.

Que culpa tenho eu de ser sentimental?

JOSE' CESAR BORBA

VOZES na PENUMBRA

DE HENRIQUETA LISBOA

DESENHO DE CORTEZ

(Perto, alamedas tranquillas. Perfume de magnolias. Encantamento. Luar. Longe, clarão de incendios. Horizonte aberto. Fanfarras. Tumulto. A alma está só. Medita ansiosamente. Ha duas vozes na penumbra. Uma é velada, envolvente, cariciosa. A outra é clara, energica, dominadora. Alternam-se).

— Tranquilliza-te, Alma. Recolhete em ti mesma. E continua o teu extase fóra da vida. Só a contemplação faz bella a existencia. Tua missão é destillar, como as flores, o nectar do sonho para os filtros delicados que fazem a magia dos supremos banquetes.

— Alma, é preciso fugir de uma vez para sempre a esta placidez de lagos dormentes. Sacode as algemas de ouro que te acorrentam á sombra. Dispersa ao léo tuas forças occultas... Vem para a vida movimentada e espessa onde ha duvida e soffrimento, sim, mas onde a gloria é deslumbrante. Só a acção dignifica o pensamento. Realiza com tuas proprias mãos uma parcella ao menos de teus ideaes, personifica tuas chimeras, define-te a ti propria. Andas sempre tão alheia a tudo, que nem chegas a conhecer-te.

— Não, Alma, não! Apagar-se-ia em teus olhos a imagem humida e longinqua das estrellas, perderiam teus gestos esta graça harmoniosa e esquiva de asas, desvanecer-se-ia a aureola de angelitude que faz com que te chamem — a ineffavel...

— Vincar-se-ia teu rosto de uma expressão mais verdadeira e humana, accender-se-ia deante de teus passos o esplendor médito das tempestades, enriquecer-se-ia a tua arca de trigo novo, seria reflorescer, resuscitar.

— Tornar-te-ias igual ás outras almas, quebrar-se-ia o teu pedestal, e nunca mais te sentirias leve e diaphana depois do contacto com a terra.

Aprofundar-te-ias como as raizes no solo, ao convivio das miserias quotidianas, purificar-te-ias communicando aos outros a tua seiva de resignação e de fé, e, entregando ao proximo o teu quinhão de espiritualidade e de amor, terias a surpresa de um encontro comtigo mesma.

— Poderias soffrer o contagio peccaminoso dos máos, perturbar a serenidade que é o apanagio da tua candura, deixar de ser bella...

— Aprenderias a ser humilde com os pequeninos, a fazer da simplicidade uma segunda religião, a ser boa, a transformar em pão os teus lyrios, inuteis para os pobresinhos...

— Chorarias, Alma, tu que deves ter os olhos limpidos para a visão da belleza, chorarias, quando o teu destino é cantar. E é preciso que os homens sintam, ao influxo da tua palavra inspirada por Deus, os segredos da emoção e os prodigios do universo.

— Todos os segredos e todos os prodigios estão na essencia do proprio ser humano. Chegas sempre tão tarde! O que tens feito é despertar, apenas, uma ou outra reminiscencia, uma ou outra aspiração adormecida no limiar dos mundos interiores. O teu rythmo não vale mais do que a nuança de uma flor que desabrocha, do que um sopro de brisa que passa, ou do que uma vela que se esfuma, acordando esperanças e saudades...

— Tranquilliza-te, Alma. Tua vida tem sido um perenne holocausto ao espirito, e nas regiões do espirito nada se perde. Prosegue na tua vocação de semear jardins encantados...

— Os perfumes se evolam e as flores murcham depressa. Alma, é preciso construir uma obra palpavel e duradoura. Toma entre as mãos o barro com que deves esculpir a tua propria forma, antes de tudo, e penetra depois no hemispherio visivel onde agir, soffrer, amar é sobrepor-se á morte.

— Sonha a tua vida, Alma, e serás feliz.

— Alma, vive o teu sonho, e serás perfeita.

O HOMEM IGUAL A DEUS

ILLUSTRAÇÃO DE THÉO

EUZEBIO Moura Torta vinha do theatro onde assistira a uma borracheira — mas não pagara entrada — e vencia a distancia que havia entre o ponto dos bondes e a casa de sua residencia assobiando um trecho da musica que acabara de ouvir. E raciocinava, compungido:

— "Por que estou eu a assobiar esta musguinha páu? Por que — se não gostei nada?"

Mas, o trecho continuava em sua cabeça — e Euzebio, mesmo sem o querer, continuava a assobiar.

Esse assobio, fino e baixo como o canto das cambaxiras, porém, estacou-se de subito. E' que Euzebio, ao virar a esquina, viu brilhar um punho lustroso mesmo á altura dos olhos, ao tempo em que ouvia esta phrase sediça, com a qual se familiarisara atravez de tantos romances:

— A bolsa ou a vida!

Euzebio Moura Torta nunca tivera opportunidade de medir a extensão de sua coragem pessoal. Mas, não era um poltrão. Teve, pois, bastante serenidade para examinar a situação que se lhe apresentava. Sem pensar no revólver, que não chegara a ver, reteve a phrase, porque esta trazia em si uma alternativa.

Mas, Euzebio poderia escolher? Elle bem sabia que não, e respondeu muito calmamente:

— O senhor teve a generosidade de mandar que eu prefira ceder-lhe uma ou outra coisa. Pois fique sabendo que, infelizmente, não posso escolher. E não posso escolher por uma razão muito forte. E' que dos dois bens de que me fala só possuo um: a vida...

Uma garôa fina punha um halo crepuscular nos combustores altos, mas Euzebio poude ver perfeitamente que o typo que o assaltava não era de aspecto truculento. Trazia um sobretudo de bom côrte, em cuja abertura se destacava um **cache-col** de seda branca. O chapéo preto, molle, de fina lebre. Brilhavam junto do asphalto os sapatos de verniz. A mão direita, que suppunha trazer o revólver, era bem tratada — o que fazia presumir que a esquerda, mettida no bolso correspondente, o fosse igualmente.

O rapido exame tranquillizou-o inteiramente. E foi já com estudada ironia que accrescentou:

— Si a minha vida lhe póde ser util, sirva-se!

O assaltante deu uma risadinha. Depois perguntou:

— Mora aqui perto?

— A dez passos: naquelle modesto tugurio que o senhor vê daqui.

— Precisamos conversar. Quer receber-me?

— Perfeitamente.

O assaltante metteu o braço no de Euzebio, como se fosse um velho amigo — e caminharam ambos em direcção á casa. O desconhecido tinha expressão enigmatica na face escanhoada e Euzebio metteu displicentemente os dedos na barba rala, mas morrendo de curiosidade. E poz-se a assobiar, sem dar por isso, o mesmo trecho cacête que ainda uma hora antes fôra objecto de sua ogerisa...

— Vive só?

— Como Adão no Paraiso... antes que Deus lhe fizesse a perfidia da costella...

— Fuma cachimbo? Tenho aqui uma collecção...

— Acceito. Que fumo usa?

— Hollandez. E' mais barato. Hoje, só os ricos fumam turco ou inglez.

— E o senhor não tem siquer uma carteira — não é verdade?

— Peço perdão, mas enganei-o...

— Tinha bolsa?

— Não, não tinha porque não uso esse traste. Mas, tinha dinheiro. Usei de um "truc" nada subtil, fazendo-o crer que não tendo carteira não teria dinheiro. Mas, o senhor não é um ladrão, pelo menos um ladrão como os outros — não é verdade? E foi, por isso, facilmente ludibriado...

O homem não respondeu de prompto. Mas, sorria sempre.

Tirou o sobretudo e o **cache-col,** tomou um dos bons cachimbos de Euzebio, attestou-o de fumo e accendeu-o — operação que praticava com a maior calma deste mundo. Sentou-se na melhor poltrona que havia. Passou os olhos sobre os objectos de arte que Euzebio tinha sobre sua estante de livros, examinou demoradamente algumas telas, sussurrando com expressão de entendido: "Bom, esse Thimoteo... Tribolet... esteve no Brasil, sim... Dall Ara, o pintor urbano..."

Mas, Euzebio, sob a apparencia de uma calma immensa, estava trepidante. Afinal, que lhe queria aquelle sujeito com quem tentava jogar uma partida inesperada?

O homem, como se ouvisse o raciocinio, disse alto:

— Pois não pense que me enganou...

— Ah! Não?

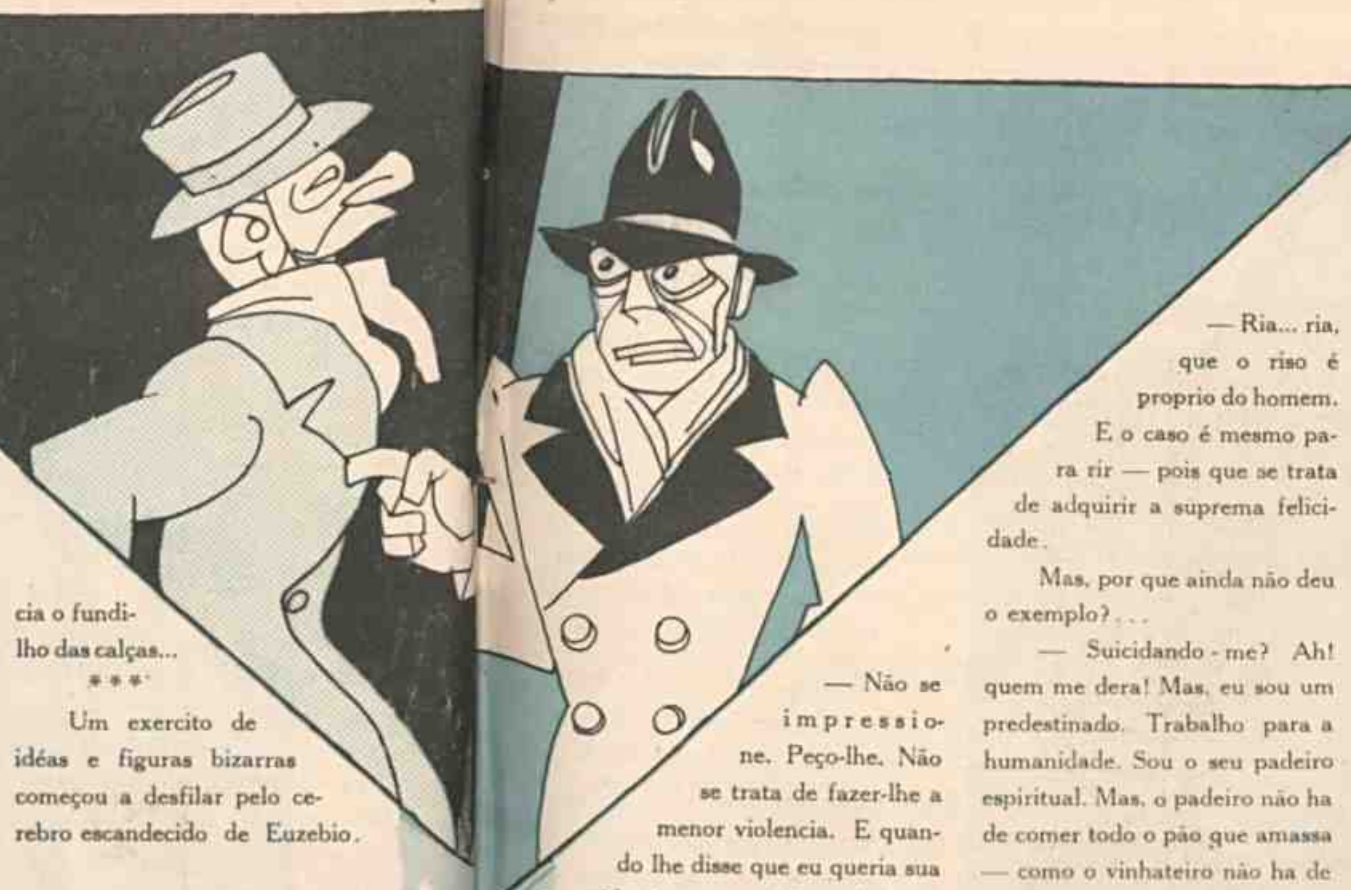
— Não. O que eu queria não era o seu dinheiro — era a sua vida.

Euzebio Moura Torta estarreceu.

Seria possivel que estivesse em presença de um authentico bandido? Mas, aquelle aspecto civilisado não parecia indicar um salteador vulgar. E Euzebio, attonito, sem acertar com o sentido exacto da declaração que acabava de ouvir, comprehendeu, entretanto, que estava deante de um mysterio — mas um mysterio tão terrivel que lhe humedecia o fundilho das calças...

***

Um exercito de idéas e figuras bizarras começou a desfilar pelo cerebro escandecido de Euzebio.

Ao lado da oração dos agonisantes lá ia uma scena de comedia, com as mãos nas ilhargas, torcendo-se de riso. Um pallio sagrado, carregado por invisiveis, cobria um jogral caréca, caminhando nas mãos, emquanto fazia fumegar na bocca sem dentes um charuto ordinario. Mulheres desgrenhadas, com barretinas de soldado ao lado da carapinha, brincavam de roda com escanifrados pretos nus, em attitudes impudicas. Creanças de bigodes postiços atiravam-se ás pernas de uma girafa, que seguia amammentando bonecas de papelão com a cara suja. Macacos de bronze e de louça iam cahindo, como chuv perigosa, na cabeça da multidão extranha, multicor e multiforme que abatia no solo desprendendo vapores de enxofre e decompondo-se num amalgama cor de leite sujo, onde se abriam olhos sinistros, que olhavam para Euzebio com uma expressão mixta de terror, de ameaça, de supplicio, de repugnancia, de cynismo, de mysterio...

— Não se impressione. Peço-lhe. Não se trata de fazer-lhe a menor violencia. E quando lhe disse que eu queria sua vida é porque minha missão é exactamente essa. Mas, obtenho vidas por meio da propaganda — da propaganda commercial.

— Commercial? E' um negocio que me vem propor? E' o seguro de morte?

— Mais ou menos...

— Mas, eu não tenho familia. Por que vender a carcassa? — ou a alma?

— O senhor não está me entendendo e tem razão. O que eu desejo — porque recebi essa missão na terra — é convencel-o da excellencia do suicidio...

Uma gargalhada interrompeu a prosa serena, methodica, do desconhecido. E' que Euzebio sentira-se subitamente alliviado das preoccupações que o assaltaram ainda ha pouco. Porque, então aquelle cavalheiro nada tinha de mysterioso. Não passava talvez de um **blagueur**...

Mas, a visão do supposto revólver voltou-lhe á lembrança. Não tinha a certeza de ter visto a arma, mas a suggestão continuava.

O homem, porém, de novo interrompeu o seu raciocinio: —

— Ria... ria, que o riso é proprio do homem. E o caso é mesmo para rir — pois que se trata de adquirir a suprema felicidade.

Mas, por que ainda não deu o exemplo?...

— Suicidando-me? Ah! quem me dera! Mas, eu sou um predestinado. Trabalho para a humanidade. Sou o seu padeiro espiritual. Mas, o padeiro não ha de comer todo o pão que amassa — como o vinhateiro não ha de beber todo o vinho que fabrica. Sou o sacerdote que conduz os eleitos ao santuario — apenas.

— Apenas...

— Não tente fazer ironias. O professor Richet pergunta se vale a pena prolongar a vida. Mas, pergunta no sentido scientifico. Eu respondo no sentido philosophico: não. A consciencia é um carcere. Mas, nós sómente a perdemos com a morte. Temos nós consciencia do que já fomos? Não. Logo, a consciencia se limita com a materia corruptivel. A consciencia traz o soffrimento. Mas, o homem, que tem o privilegio do livre-arbitrio, soffre porque quer — porque bastaria lançar mão de um dos mil meios de morte conhecidos para fechar o cyclo dos seus soffrimentos. E o mais simples de todos elles, o que não custa um tostão e está, por isso, ao alcance dos mais miseraveis, é o mais efficaz, entretanto. Tão facil que uma creança de dois annos, desde que o conhecesse, seria capaz de o praticar: deixar de respirar. Bastam uns tres minutos — e prompto!

— Realmente, é facil...

— Experimente. Nada de bala, nem de venenos, nem de corda, nem de aguas profundas — nem mesmo abrir as veias dos pulsos numa bacia de leite morno, como Petronio. Este é de facto, o meio mais elegante — mas complicado. Parar a respiração é absolutamente seguro, limpo, sem dramaticidade, sem ridiculo. Está convencido?

— Ainda não...

— Lembre-se de que o homem que não se suicida compara-se ao irracional, que soffre estupidamente, porque não tem a faculdade do raciocinio, aquella que dá ao homem o poder immenso de dirigir-se por si mesmo.

— O senhor é eloquente...

— Sou — não é verdade? E tenho obtido resultados surprehendentes.

— Muita gente?

— Não lê o numero dos que se matam, nos jornaes diarios? E' tudo obra minha. Em breve o mundo estará despovoado. E o homem, immortal, terá realizado o sonho magnifico do Anjo Revel: egualar-se a Deus!

— Audaciosa doutrina, a sua.

— Verdadeira. Porque si Deus deu ao homem o poder de crear a vida, não lhe deu o de decretar a morte. Mas, o homem o tomou, o arrebatou por sua livre vontade. E' um acto de rebeldia, mas que o põe no mesmo nivel do seu creador. E — preste bem attenção — o acto, o unico acto que o torna poderoso como o proprio Deus é o suicidio, o que Deus não autorizou e que elle póde praticar, por sua exclusiva responsabilidade. Está agora convencido?

Euzebio Moura Torta não respondeu. Estava absorto. A theoria do suicidio rondava-lhe o bestunto como um lobo á porta de um chiqueiro. Acudiam-lhe mentalmente, porém, os valores vagos de coisas boas da vida. Lembrava-se de ouvir o **Parsifal,** recolhido, embevecido, transportado a uma região ideal que devia ser o proprio Nirvana. Vinham-lhe ao pensamento leituras amaveis, as ironias finas de Eça e de Anatole France, as **Virgilianas,** a Ilha dos Amores, Rabelais e Humberto de Campos, Machado de Assis, Hugo — e tambem umas narrativas morbidas, clandestinas... Passavam-lhe pela mente uns passeios pela roça, sob copas frescas, o sol a pino, a alimária caminhando num passo doce, emquanto as cigarras estrillavam modorrentas. Occorriam-lhe as **alegrias** mansas, sem ruido — a não ser o de mastigar — o prazer inaudito de saborear um bom naco cheiroso de leitão assado com farofa. E lhe chegavam á lembrança outros prazeres, não tão innocentes, mais secretos, quasi inconfessaveis...

Tudo isso lhe dava a consciencia de que a vida tinha alguma coisa que valia a pena. E ia talvez dizer-lhe: — "O senhor tem razão, mas não toda...." quando ouviu a campainha surda da porta.

Foi ver.

Fóra, embuçados contra a neblina, dois guardas e um enfermeiro que se distinguia pelo seu avental branco.

— Dá-nos licença? Está em sua casa um pensionista do Hospicio. Viemos buscal-o.

Mas, já o propagandista do suicidio apparecia com o seu **cache-col** de seda, vestindo o sobretudo.

— A' minha procura? Um momento.

E voltou a apanhar o chapéo que havia collocado sobre um movel.

O enfermeiro chamou:

— 67!

— Prompto.

Seguiram.

Euzebio Moura Torta atirou-se na poltrona dando lassidão aos musculos, alliviado, como se regressasse de um sonho complicado. E, contra sua vontade, poz-se a assobiar aquelle trecho cacête de musica de theatro...

JARBAS DE CARVALHO

"A Virgem e o Menino" de Ticiano.

A Virgem na arte

Desde os fins do seculo dezoito, em pleno periodo byzantino, as imagens da Virgem possuem caracter proprio, o que se poderá observar perfeitamente nas catacumbas e nas basilicas. E' de notar-se que a esse tempo o primitivismo dos artistas não conseguia dar-lhe uma expressão mais humana, servindo-se de sua figura nos cemiterios romanos para lhe dar a impressão de prece.

Talvez não fosse precisamente Giotto quem descobrisse na Virgem, como se percebera na galeria de Florença, o aspecto primitivo de humanidade, se reparamos bem nos traços da trabalhada por Duomo, em 1311. Os "panneaux" dispersos em Berlim e em Londres mostram-na profundamente terna e com uma graça verdadeiramente feminina. Esta doçura commovedora que se nota, desde a primeira vista na Senhora vestida de roxo, com um manto azul, começou a servir de motivo aos demais artistas que se occuparam sobre o mesmo motivo accentuadamente mystico.

Nas grandes collecções de arte encontram-se trabalhos notaveis sobre a Virgem. Donatelo possue uma imagem soberba na egreja de Santo Antonio de Padua, os seus discipulos Posselino, Mejano, e Mino de Fiesole, sendo que este ultimo possue um baixo relevo na cathedral de Fiesole, de um sentimento muito puro.

Bellini no Museu de Breira, em Milão, uma "Pietà" da mais intensa humanidade. Sempre foi celebre nas composições de suas virgens. Em Veneza existem muitas de grande espirito renovador.

O visitante do Louvre encontrará uma Virgem, das mais lindas de um pintor anonymo. Obra dos primitivos francezes, conta um gesto natural, amorosa, amammentando o filho, com uma doçura extraordinaria.

As escolas do meio dos seculos desesete ao dezoito, possuem as Virgens mais notaveis em pintura e esculptura. Os italianos da Renascença foram os precursores da Virgem como mãe de Deus, considerando-a a mais bella entre as demais mulheres.

Os seus successores trouxeram os olhos fixos em Miguel Angelo e Raphael. A escola hespanhola nascera da influencia flamenga. Bem celebres são as Virgens de Tiepolo, Jean Baptiste Tiepolo com um ar quasi fluido, e uma luz doirada, que lhe davam maior aspecto de santidade e de mysticismo.

Desta época póde-se bem louvar a obra admiravel de Luis de Morales, cognominado o Divino. A sua Virgem surge de uma maneira suave, candida, toda cheia de sua delicada funcção de maternidade. Sente-se bem a fundo a influencia flamenga. Greco tambem conta com um original dos melhores, com as linhas ondulantes, com um halo luminoso que lhe dá effeitos magnificos.

As virgens da pintura contemporanea são mais claras e finas. O Museu de Dijon conta com um desenho dos mais lindos de Proudhon, certamente inspirado em Corrège e Da Vinci. Bouguereau tambem concebeu uma Virgem que se encontra em Luxemburgo, que é um prodigio de technica e de bom gosto.

Bouvert fez a sua "Vierge à la Rose", inquestionavelmente uma das mais lindas imagens da Virgem de que se tem noticia presentemente, bem parecida com a "Vierge au Lis", trabalho dos melhores de Boucquet.

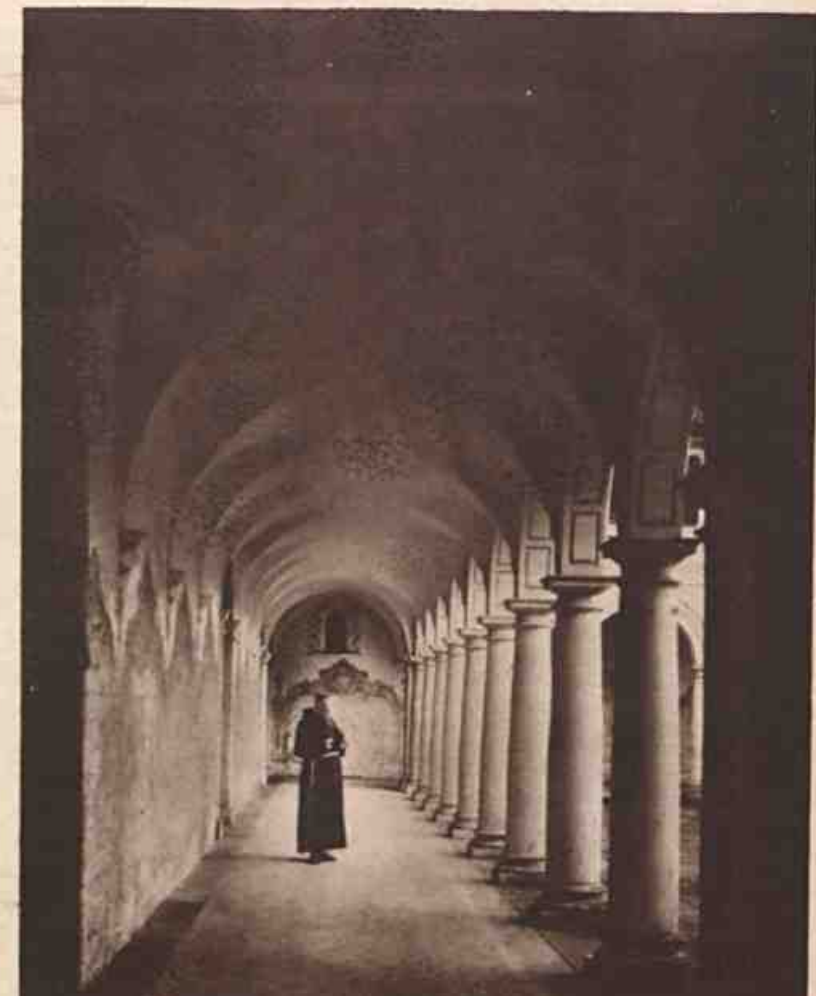
Como se verifica, os artistas desde os inicios da obra de arte vêm trabalhando no sentido de fazer da Virgem uma creatura que embora com a impressão e o espirito de divindade, possua, como se poderá ver pelas photographias dos quadros acima citados, uma certa dose de humanidade.

E realmente nenhum outro aspecto physionomico poderia ter a Senhora, cuja vida, assim como a de Jesus, além de ser um holocausto á humanidade, tambem foi um Calvario dos mais emotivos, esse de companheira de soffrimento do Filho Bem Amado, que era a propria fonte do Amor. Os pintores vão descobrindo a nova physionomia da Virgem, que, da Renascença para os dias que passam, começou a ter no rosto, exhibidas, visiveis as *nuances* da creatura que mais soube, com serenidade, acceitar o calice da Amargura, sem nem ao menos, como Jesus, implorar ao Pae o afastamento do fel em que elle transbordara.

A Virgem de Ducaio, a primeira com attitude maternal.

Mãe e Filho, de Bellini, do Museu de Breira.

"Pietà", de Luis Morales, do Museu do Prado.

"A Virgem com as uvas", de Mignard.

Dois interiores do historico Convento de S. Francisco, na Bahia.

ESPIRITOS maliciosos dizem que todo pernambucano traz uma "faca de ponta" na cava do collete.

Isto não é verdade. Muitos pernambucanos hoje nem usam mais... colletes.

Todos, porém, têm cabeça, e no cerebro de quasi todos já perpassou, por certo, um sonho doirado de riqueza com a descoberta de um thesouro occulto, onde, dentro de vastas botijas de barro vidrado, ou em cofres de ferro repregado de cravos, encontre pesados dobrões de ouro e prata portugueza, de cunhos do tempo d'El-rey Dom Manoel I, ou florins reluzentes da época de Mauricio de Nassau e sua brilhante côrte de fidalgos e generaes flamengos.

E, por viverem sempre *maginando* nisso, são sem conta os que têm visões em que lhes apparece um frade de longas barbas, ou a roupêta de um jesuita, ou ainda a farda de algum militar hollandez ou lusitano que, em voz soturna, lhes indica o "roteiro exacto" de um thesouro occulto no subterraneo de uma egreja antiga ou na casamata de velha fortaleza abandonada, em ruinas.

Ha poucos mezes toda a cidade mauricia se movimentava para os lados da Egreja do Espirito Santo, cujo antigo convento, hoje demolido, — serviu, por muitos annos, de séde da famosa Faculdade de Direito de Recife. E' que um rapazinho, estudante gymnasial, havia sonhado que um cardeal (!) lhe dissera haver ali um thesouro escondido e que lhe pertenceria.

Ruinas de uma antiga casa grande de engenho no interior de Pernambuco.

Como indicio, ou signal da certeza do local onde estaria o thesouro, seria encontrada, — primeiramente, na galeria subterranea onde elle estava, — uma grade de ferro e depois uma espada.

O rapazinho, — como bom filho, — contou ao pae o sonho que tivera e o pae, — como previdente chefe de familia, — tratou de averiguar a veracidade do facto.

Armou, para isso, uma barraca ambulante de vender frutas perto do logar onde teria de cavar para encontrar o thesouro.

Durante o dia, calmamente mercava mangas, abacaxis, cajús, genipapos, massarandubas, guagirús, mangabas, etc., e, á noite, cavava, febrilmente, o solo na direcção em que, julgava, ficaria o thesouro.

Apesar de trabalhar disfarçadamente, suas actividades nocturnas despertaram a attenção de gente curiosa e bisbilhoteira que se intrometteu na vida do homem pelo buraco largo e profundo que elle cavara no solo duro do ex-convento, á procura do thesouro sonhado pelo filho.

Queriam os abelhudos saber por quê, para quê e o que estava elle cavando ali. Elle contou.

O caso passou, assim, ao dominio publico. Funccionarios do Departamento das Obras Publicas do Estado tomaram a si o encargo de continuar as excavações e pesquisas, embora não acreditassem mui... to no sonho prophetico do rapazinho estudante.

Policiaes armados guardavam as immediações do buraco enorme contra a invasão da curiosidade publica e... particular de cada um.

Essa curiosidade era, cada vez mais, aguçada, espicaçada, pela controversia que o assumpto suscitara entre os archeologos, os espiritistas, os numismatas e outros **entendidos** na materia, os quaes punham a descoberto pela imprensa os "thesouros" de sua profunda erudição sobre assumpto tambem tão valioso e profundo.

Um dia, com surpresa estonteante dos scepticos e incréos, foi descoberta, no interior da galeria subterranea, a grade de ferro e depois um pedaço de centenario e enferrujado espadagão, objectos esses a que o joven sonhador alludira ao descrever sua ante-visão do thesouro e que eram prenunciadores da approximação da sua descoberta. Redobrou o ardor "cavatorio" dos cavouqueiros e os espiritos crédulos diziam convencidos:

— Não tarda que appareça o cofre.

— "Está quente": commentavam, sorrindo, os incredudos, um tanto abalados nas suas convicções negativistas...

E quando, após longos dias de exhaustivas e inuteis pesquisas, o desanimo fez com que os exploradores do sub-solo sagrado da egreja abandonassem as picaretas e as pás do insano trabalho, affirmavam ainda os crédulos:

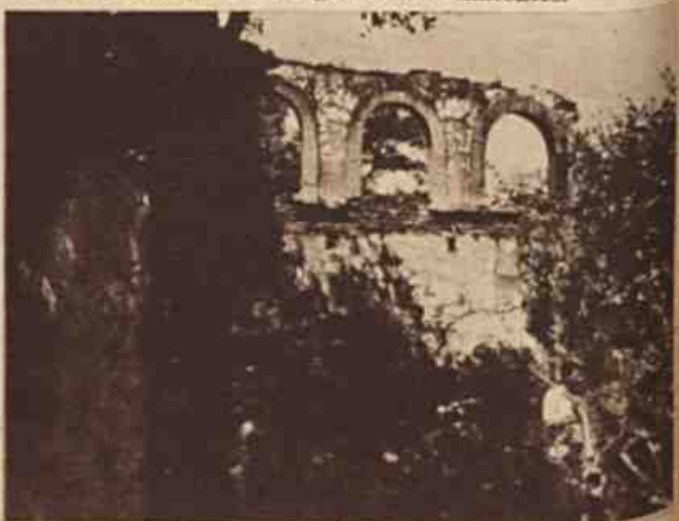
A LENDA

— Era certo que não se encontraria mais o thesouro ahi. Quem havia de o procurar e achar era o rapazinho que teve o sonho revelador. Outros se immiscuiram na procura e o resultado foi o thesouro desapparecer, cada vez mais se enterrando. A prova de que elle ahi estava foi o encontro da grade e do pedaço de espada...

E como tudo no mundo em breve passa, alguns dias depois já não se falava mais no thesouro "que não fôra achado" no subterraneo da egreja do Espirito Santo.

Da mesma sorte, ainda não vieram á luz os que dizem existir occultos nas galerias e salas subterraneas do velho Seminario de Olinda, antiga capital pernambucana, provocadora da guerra dos mascates.

Em meio das ruinas.

Desbravando o mattagal fechado.

Local onde, dizem, havia um thesouro occulto...

DOS THESOUROS OCCULTOS EM PERNAMBUCO

Não se desvaneceu, porém, da memoria do povo a idéa de que existem inexgottaveis thesouros occultos nas vetustas ruinas do convento de Santo Antonio de Agua Fria, pequeno suburbio recifense, proximo de Beberibe, aprazivel recanto, celebre pelos seus banhos no rio emsombrado e poetico que lhe dá o nome.

Certa vez, mais levados por um cavallo e pela curiosidade de percorrer as ruinas, do que pela ansia de descobrir algum thesouro faiscante de ouro em barras, amoedado ou em velha prataria, ali fomos na amavel companhia do nosso intelligente confrade da imprensa pernambucana Sotero de Souza, que nos serviu de perfeito *cicerone*.

Lá encontrámos, após uma hora de largo trote a cavallo um morador das circumvisinhanças que, de foice em punho, nos desbravou o caminho por dentro da matta, abrindo picadas no cipoal intrincado de lianas, trepadeiras e espinheiros, que parecia tecido a proposito por mãos invisiveis de duendes e espiritos sagazes, preoccupados em difficultar o accesso áquellas regiões ermas e sombrias, mesmo durante as horas do sol a pino.

E o nosso guia informava:

— Pois aqui tem vindo muita gente, á meia-noite, desenterrar dinheiro das "almas do outro mundo".

— E encontraram, mesmo, dinheiro?

— Isso é que eu não sei... Quem achou não diz que achou. Guarda segredo, porque, se contar, o dinheiro se muda todo em carvão...

Dizendo assim, mostrava o solo revolvido recentemente, em varios logares, bem como côtos de vela, demonstrando que as pesquisas haviam sido feitas, mesmo, á noite, á luz mortiça e vacillante de velas de cera e de espermacete.

Em uma das grossas paredes do vetusto convento havia uma abertura sobre a verga de uma porta meio soterrada.

Apontando para o buraco, onde lagartixas ligeiras affirmavam com a cabeca que aquelle era seu domicilio, elle explicou:

— Dizem que dentro desta parede foi encontrado ,por um soldado, que sonhou com o thesouro occulto, um *surrão* de couro cheio de antigas moedas de prata, cruzes, thuribulos e outras alfaias do convento.

— E que fez elle dessa fortuna?

— Não sei. Naturalmente derreteu tudo para "não dar nas vistas" e depois *torrou no cobre* a prata em barras.

No alto de uma parede desaprumada, mal se equilibrando por um milagre das leis da gravidade, erguia-se um nicho esborcinado pelo tempo.

— Ali tambem, naquelle nicho, — confidenciou o guia solicito, — contam que foi encontrado um cofre de ferro com moedas de ouro, dentro daquelle *vão* no meio da parede.

— E você conhece alguem que tenha achado dinheiro aqui?

— Infelizmente não. Eu, que venho sempre aqui, nunca achei um nickel.

— Pois hoje estou com um "palpite" de que iremos achar, pelo menos, umas pratas... disse-lhe eu.

— Póde ser; porém não creio...

Fingindo que cavava o chão com o cabo de rebenque de fustigar o cavallo, deixei lá cahir umas quatro ou cinco moedas de prata que tinha empalmado. Immediatamente exclamei:

— Dinheiro! Achei dinheiro aqui!...

E mostrava as moedas.

O guia veiu verificar o *achado*, e disse sorrindo, incredulo:

— "Não vê "que eu vcu nisso?"... Foi *truc*. Foi o senhor mesmo quem botou agora as moedas no buraco..." E, pegando-as, accrescentou:

— Ainda estão quentes... da sua mão. Depois, esse dinheiro é novo, é da Republica, e o que cs "defuntos enterraram" por aqui é do tempo do Imperio.

— Pois seja como fôr, eu lhe faço presente das pratinhas para você comprar cigarros, e, quando estiver fumando, se lembrar do nosso passeio hoje aqui.

— Acceito e muito obrigado, concordou elle, guardando as moedas.

Quando regressavamos encontrámos um casal que se dirigia para as ruinas. Iria procurar algum thesouro enterrado?... Ella era linda e loura. Elle sorria, satisfeito, amparando-a nas asperezas da subida. Ia orgulhoso, como si, realmente, já estivesse na posse de um "thesouro", que, no caso, seria a lourinha que elle, com tanto desvelo, acompanhava.

EUSTORGIO WANDERLEY

A caminho das ruinas.

O nicho no alto da parede desaprumada.

DE CINEMA

Por MARIO NUNES

CARL BRISSON

GERTRUDE MICHAEL

Paus para toda obra

No transcurso da filmagem de "Murder at the Vanities" a féerie-mysterio que o Odeon agora apresenta sob o nome de "SEGUE O ESPECTACULO", muitas vezes estiveram reunidos um campeão de box, uma pianista-prodigio, uma dansarina, uma professora de economia domestica, a proprietaria de uma estação radio diffusora, um compositor de canções, um librettista, um pastor, um cantor de discos, uma estrella musical, uma violinista, um director, um acompanhador, um entendido em cachorros, um commerciante e um estudante de direito.

Uma variedade sem duvida imponente!

E entretanto, as pessoas no *set* eram apenas duas: — Carl Brisson e Gertrude Michael, dois expoentes de versatilidade difficeis de exceder.

Carl Brisson, a quem a Paramount importou da Ingláterra para lhe offerecer uma estrea na super-producção de Earl Carroll para a Marca das Etsrellas, teve uma carreira repleta dos mais extranhos e inesperados lances. O seu nome appareceu pela primeira vez em letra impressa quando, aos 12 annos, elle arrancou á morte duas meninas prestes a afogar-se num lago, e as trouxe a terra, sãs e salvas. O governo do seu paiz conferiu-lhe por esse acto de abnegação a medalha de salvação. Aos 15 annos voltou o seu nome á primeira pagina dos jornaes dinamarquezes, quando elle ganhou o campeonato de amadores na categoria dos meio-pesados.

Decorreu um anno e o campeão casou-se como o commum dos mortaes, mas os jornaes não deixaram de registrar o facto, acompanhando o registro com as photographias do athleta. Tinha elle dezeseis annos e sua esposa quinze, e foi precisa uma autorização especial do rei da Dinamarca para que se pudesse effectuar o casamento. A esse tempo, Brisson passava a boxeur profissional, sob o nome de "Risonho", ao mesmo tempo dando os seus primeiros passos na carreira theatral. Certa noite depois de duas recitas em que tomou parte, elle levou ao knock-out" o campeão meio-pesado da Dinamarca, para o que não precisou senão de quatro rounds. Mais tarde, ganhou o titulo de campeão de toda a Europa.

Retirou-se então do ring e comprou um club de Stockolmo, ahi montando varias revistas, de que elle proprio era interprete. Mais tarde, a conselho de Mauritz Stiller, transferiu-se á Inglaterra, onde em pouco tempo se fez estrella do écran e da comedia musical. Representou 1.800 vezes consecutivas o papel do Principe Danilo da "Viuva Alegre", e no intervallo das suas occupações theatraes, compunha canções e gravava discos para varias fabricas britannicas.

Gertrude Michael lembra-se de que, aos cinco annos, já tocava piano... com um dedo só. Depois tomou lições de piano e veiu a dar concertos quando attingiu doze annos.

Aos quatorze, graduou-se na escola superior e matriculou-se na Universidade de Direito de Alabama.

O tirocinio de um anno bastou para a convencer de não ter nascido para jurista, e assim, ingressou no Conservatorio de Musica de Cincinnati onde se distinguiu a tal ponto que ganhou uma viagem de estudos á Italia, por cinco annos.

Vindo a morrer seu pae, ella regressou a Palledega para viver em companhia de sua mãe.

Fundou e dirigiu então a estação radio-diffusora de WFDA, onde desempenhava todas as funcções: conferenciava sobre a economia no lar, dirigia e participava muitas vezes dos *sketches* dramaticos da estação, fazia parte da orchestra da estação e era a sua acompanhadora official.

Foi um anno após isso que Gertrude Michael se resolveu a trabalhar seriamente para fazer carreira no theatro.

Quando em Cincinnati, tinha já representado alguns papeis pequenos na companhia Stuart Walker, e áquelle grupo voltou, decidida a maiores commettimentos.

No verão, trabalhava no repertorio classico com uma companhia de East Islip.

Ao lado dos dois artistas cujas vidas acenámos rapidamente, veremos em "Segue o espectaculo" Victor Mac Laglen, Jack Oakie, Kitty Carlisle, Gail Patrick, os musicos *colored* da orchestra de Duke Ellington e as girls de Earl Carrol que gozam do justo renome de serem as pequenas mais bonitas do mundo.

Oh! que delicioso "week-end"!

Embora quasi tudo seja artificial nos *sets* da capital do cinema, onde até as civilizações passadas são reconstruidas de maneira espectacular como "atmosphera" a certos scenarios — essa cascatinha que apparece no cliché acima é absolutamente natural e foi um presente da natureza californiana ao pessoal das fitas, que ali vae descansar os nervos fatigados pelo excesso de emoções dos films, a exemplo do que fazem Jack Holt e Fay Wray, numa das scenas da pellicula da Columbia "Coração de Aço" que veremos brevemente.

Um concurrente sério

Não sabemos se Hollywood já se apercebeu desse concurrente sério que avança a passos largos, a cinematografia ingleza. Os studios britanicos começam a produzir maravilhas e seu aparelhamento técnico nada deixa a desejar. Contam ainda com artistas magnificos, conhecidos nossos ou revelações que produzirão viva impressão. A Gaumon-British vem de produzir mont-British vem de produzir Walter Forde com Anna May Wong e Fritz Kortner nos principaes papeis; e "Sempreviva", direção de Vitor Saville, encarnando o personagem principal Jessie Mathews. "Chu-Chin-Chow" dará a conhecer ao mundo inteiro a versão da famosa lenda das "Mil e uma noites" — Ali Baba e os 40 ladrões, que foi representada em um teatro de Londres cinco anos seguidos. "Sempreviva" é a versão cinematografica da comedia musical "Evergreen" que tambem esteve em cena por dois anos seguidos e é um desfile de quadros brilhantissimos postos em cena com grande efeito decorativo.

BERTA E ROULIEN

Duas figuras muito queridas dos brasileiros, Berta Singerman o genio da declamação e Raul Roulien, o artista patricio que conseguiu triunfar em Hollywood. Hollywood atraio Berta tambem e a envolveu nas suas malhas de ouro e luz. Vê-la-emos breve em films da Fox falados em hespanhol, vitoriosa como sempre, dando á sua arte uma nova expressão. Na gravura a temos quando em visita a Roulien que filmava então "Granadeiros do Amor" que o Rio viu no Gloria e vê agora nos cinemas de arrabalde.

O MUNDO

AINDA OS FUNERAES DE HINDEMBURGO — Passagem, por Tannenburgo, da carreta conduzindo os despojos mortaes do marechal Hindemburgo. As 52 milhas que distam de Neudeck áquella cidade foram percorridas de bom grado pelos corpoferarios do Exercito allemão, para os quaes o herói representava a bravura patria.

A GREVE DE MINNEAPOLIS — Cessadas as escaramuças entre os agitadores e a policia ficaram fóra de combate cerca de 70 homens, um dos quaes, ferido gravemente, veiu a fallecer. Ahi têm uma das praças de Minneapolis onde se travaram fortes tiroteios.

VIVAS A ROOSEVELT — O Presid. Roosevelt arrancou as maiores ovações do povo em todo o percurso da viagem que acaba de emprehender atravez os Estados sob seu dominio. Aqui damos um instantaneo da chegada do trem presidencial a Belton, Montana.

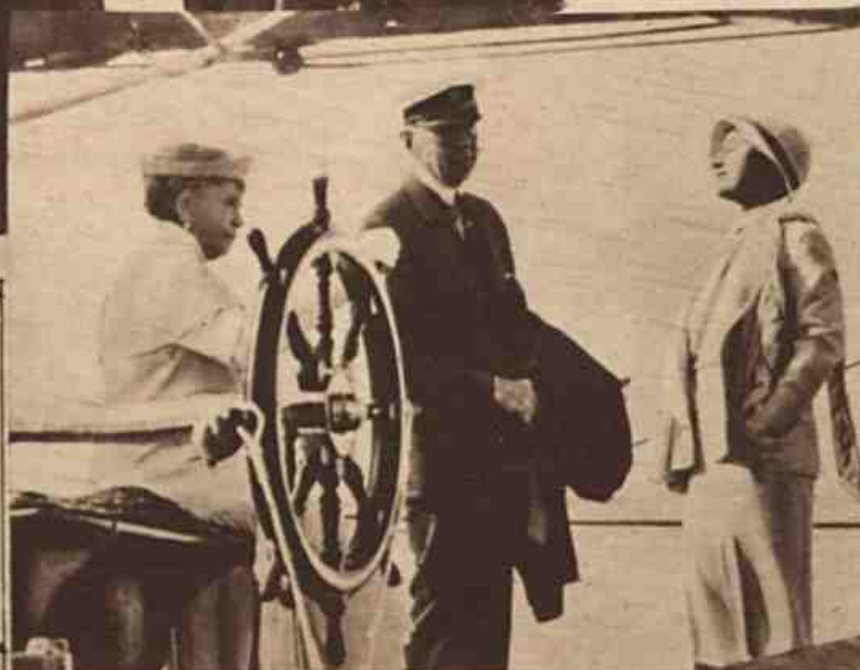
CHUVAS TORRENCIAES NO JAPÃO — Durante varios dias, cahiram sobre Toyama (Japão) abundantes chuvas, que causaram os maiores damnos. Casas innumeras desabaram e cerca de 300 pessoas pereceram afogadas. A aldeia de Muratsubaki foi uma das mais prejudicadas. Calcula-se em 10 milhões de yens o montante das perdas nessa localidade.

TROCANDO A BOLA PELO CANHÃO — Jack Buckner (á esquerda) e Jos Stancook, os melhores jogadores militares de football, são aqui vistos á manobrar um canhão anti-aereo, na fortaleza de Monroe (E. Unidos). Os cadetes de West Point têm assistido aos exercicios de tiro aos aviões.

EM REVISTA

BOMBARDEIO SIMULADO — Por tres dias a importante cidade de Osaka (Japão) foi bombardeada por aviões do Exercito imperial. As casas commerciaes do districto de Kinki cerraram as portas. Mas não foi por medo. Foi por causa das densas nuvens de fumo, em que a cidade ficou envolta, para poder escapar ás bombas aereas.

MUSSOLINI FALA AOS SEUS SOLDADOS — O "Duce", a cavallo, passando em revista forças aquarteladas em Roma. A' certa altura, o Primeiro italiano falou aos soldados, aconselhando-os a defender a Patria e a auxiliar a Austria quando invadida.

UM BOM REI — Jorge V, da Inglaterra (ao cent.), durante sua viagem a Cowes, feita a bordo do hiate "Britannia", ajudou a marinhagem a hastear o pavilhão da Patria. E o soberano fez o serviço sorrindo.

ZONA EM REBOLIÇO — Um homem foi morto, 150 ficaram feridos, durante a cobrança, pelos fiscaes da Prefeitura de Cork (Irlanda), dos impostos relativos ao commercio de trigo. Os negociantes não gostaram da "surpresa" e "gritaram". Os policemen entraram em acção. Sururú. Tiros, etc. e tal...

COMPETIÇÃO NAUTICA — A rainha da Inglaterra, que se vê á esquerda, manobrando a roda do leme, assistiu ás regatas annuaes de Cowes, a bordo do hiate "Britannia". Em companhia de S. M. achava-se a duqueza de York, sua nora.

A FESTA DA ARVORE EM NICTHEROY — Alumnos de uma das escolas publicas da capital, plantando um arbusto no pateo do Grupo Escolar Raul Vidal.

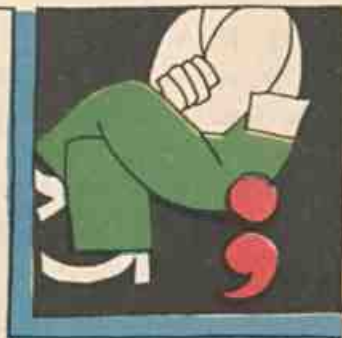
Os que tomaram parte na festa da Arvore, realizada no Grupo Escolar Raul Vidal.

O BAPTISMO DE VÉRA MARIA — Na residencia do Dr. Miguel Calmon Filho, clinico nesta capital e medico da Policia Militar, quando do baptisado de sua filhinha Véra Maria, em que serviram de padrinhos o nosso companheiro Dr. Cunha Porto e sua Exma. esposa.

O REGRESSO DO DR. LOURIVAL FONTES — A bordo do "Augustus", quando do regresso da Europa do Dr. Lourival Fontes, director geral do Turismo.

EM VISITA A' ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA — Aspecto da visita do Dr. Vicente Ráo, ministro da Justiça, á séde da Associação Brasileira de Imprensa.

A NOVA DIRECTORIA DA ASSOCIAÇÃO BAHIANA DE IMPRENSA — Os novos dirigentes da Associação Bahiana de Imprensa, depois de empossados e cercados de varios socios, posam para O MALHO.

NOTAS E·SIGNAES GRAPHICOS

A *virgula* é uma notação graphica, que marca o rythmo elementar da linguagem. E' como o toque do tambôr durante as marchas militares: serve para facilitar a caminhada e para se sentirem, menos, os tropeços do caminho...

—:o:—

A vida sem rythmo é como a escripta sem virgulas: é tudo confuso e incerto, sendo preciso, a cada momento, chamar o autôr para explicar a sua obra. Muitas vezes a falta de uma virgula modifica o sentido de uma oração. Exemplo: "*o sr. quer casar?*" "*Não, estou*

louco", ao invéz de de "*não estou louco...*"

—:o:—

O *ponto e virgula* é uma pausa maior: é uma especie de cadeira que o autor offerece á gente emquanto se espera novo rumo da phrase. Os escriptores velhos, de pouco folego, abusam do ponto e virgula...

—:o:—

O *traço de união* é, muitas vezes, um traço de desunião. Assim, quando se diz á namorada (sobretudo se é mulher de outro) "*amote!*" arrisca-se a provocar um conflicto, com separação de corpos e de familias...

—:o:—

As creanças fazem, com frequencia, o papel de traço de união entre o conquistador e a dama a conquistar. E', quasi sempre, um abuso de confiança porque os gurys não sabem a especie de gente que estão unindo...

—:o:—

A *apóstrophe* vem em logar de uma vogal engulida pelo autor. Exs.: *d' Almeida* em vez de *de Almeida, d' este* em vez de *de este, dantes* por *de antes*, etc. Na vida domestica, ao contrario, quando a sogra apostropha ao genro é porque este não estava onde deveria estar...

—:o:—

O *trema* serve para evitar a fusão de duas vogaes. O trema é anti-fusionista. A Grammatica considera muito perigosa a approximação de duas vogaes (por serem mulheres) e por isso, berra a cada uma della, com prudencia: *trema!*

—:o:—

O *parenthesis* é a notação destinada a abrigar uma idéa que chega atrazada ao cerebro do autor e que este deseja collocar, embora do lado externo do periodo que está escrevendo: "*D. Joaquina puxou uma faca (que trazia escondida na meia...) e avançou para o atrevido...*" Na vida, ha muita gente que deseja apparecer, mesmo que seja sempre entre parenthesis..

—:o:—

O amôr é um parenthesis aberto no bom senso de um homem normal, cansado de seguir a recta dos periodos literarios. O peor é que nem sempre acode o meio de fechar o parenthesis, sem um borrão na pagina da Vida...

—:o:—

A *reticencia* é uma serie de pontos com que o autor supre uma idéa que não lhe ccudiu, ou disfarça uma scena que não lhe convinha descrever... A reticencia é um convite ao leitor para ser malicioso á vontade...

—:o:—

O beijo é uma reticencia elegante com que os namorados disfarçam o que não lhes convém declarar no momento, por diplomacia ou acanhamento...

—:o:—

A viuva é uma reticencia na familia. Nunca se sabe o que está por traz dos seus 3 pontinhos mysteriosos e pretos...

—:o:—

O *asterisco* é uma grande pausa. Nella se podem incluir annos inteiros, de existencia dos personagens, grandes acontecimentos politicos, movimentos sociologicos, etc. A vida dos grandes criminosos e dos grandes homens é cheia de asteriscos.

—:o:—

O typo em *negrito* é um typo escandaloso: serve para chamar a attenção para uma phrase decisiva, ou para um trecho, de autoria alheia, que se reproduz. As mulheres sensacionalistas parecem typos em negrito na sociedade: querem obrigar todo o mundo a olhar para ellas...

—:o:—

O *travessão* lembra esses grandes pratos onde se serve o peixe em dias de festa. Desvia a attenção dos convivas para o peixe, que, nem sempre, vale o prato que o encerra...

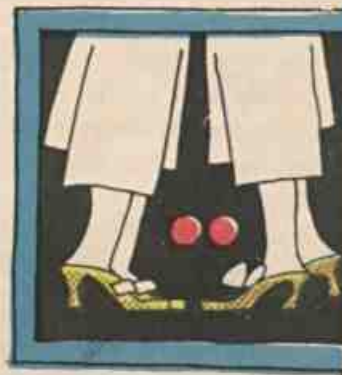
—:o:—

O *accento agudo* é um cavalheiro antipathico, que fala, sempre, em vozes muito abertas: *pé, rapé, capité, alvará, socó, forrobodó, avó...* O *accento grave* é conselheiral, comedido e discreto — tão discreto que nem sequer existe nos caixotins das nossas typographias... O *accento circumflexo* faz-nos falar com a bocca semi-fechada, como se tivessemos provado um fructo demasiadamente azedo: *ipê, cangerê, iberê, catereté...* Tem a virtude de fazer as mulheres fecharem a bocca por alguns segundos, embora...

—:o:—

O *til* é um signal graphico que serve para mudar o scenario das vogaes: transforma os *paes* em *pães* e os *capitais* em *capitães*... Lembra essas damas viuvas que fazem questão de entristecer todas as notas com o relato da ultima doença do defunto...

—:o:—

O *ponto* é o fim da viagem, a hora de tomar o grande folego emocional do epilogo. Quando se ouve uma conferencia, cada vez que o autor faz ponto, a gente tem a impressão de que elle acabou —

e sente um grande alivio... A Vida tambem é uma serie de pontos prolongados, até o ultimo — que é o mais final de todos os pontos finaes... Não adianta fazer ponto desde que o ponto está em evitar, o mais possivel, o ultimo ponto. Esta é a philosophia da Eternidade, que não tem ponto final, nem permitte que a gente faça ponto, por muito tempo, neste mundo e... nos outros.

BERILO NEVES

ILLUSTRAÇÃO DE THÉO

O SABIO E A TRAÇA

(*Do "Fabulario de Vôvô Indio"*)

Por CHRISTOVAM DE CAMARGO

Ao voltar de longa viagem, o sabio, encontrando-se novamente na sua bibliotheca, sorriu enlevado. Finalmente, revia os amaveis confidentes da sua vida, os seus unicos amigos, dos quaes nunca recebera humilhações ou desgostos! Como pudera passar esses incontaveis d i a s longe daquelle convivio, entre todos carinhoso?

Uma herança em litigio, negocios que se complicavam, e as semanas e os mezes acotovelando-se, na sua rapida passagem. Nunca teria commettido a loucura de afastar-se daquelle ambiente, fóra do qual não podia respirar á vontade, não fosse a certeza de que, com a pequena fortuna inesperadamente herdada, lhe seria facil augmentar, nas estantes alinhadas e graves, o numero daquelles sêres discretos e eloquentes, tão caros ao seu coração.

Era para tel-os em maior numero e mais confortavelmente installados que se sujeitara a abandonar por tanto tempo a sua presença, consoladora como o que mais o fosse.

Mas ó, miseria e desolação! Tomou um volume, folheou outro, um terceiro, um quarto, foi-os abrindo febrilmente uns após outros, e innumeros delles mostravam, no rendilhado caprichoso do papel, a obra pertinaz das traças!

Os olhos encheram-se-lhe de lagrimas. Os doces companheiros da sua solidão — mutilados, deformados, alguns quasi irreconheciveis!

Ante a sinceridade daquelle desespero, uma traça, sentindo os arranhões do remorso, dirigiu-se ao sabio.

— Realmente, penaliza-me o que estou vendo, mas nunca pensei causar-te tamanho desgosto...

— E então não comprehendes, desgraçado thysanuro, ó "lepisma saccharina" impiedosa, toda a infamia do que tu e tuas companheiras acabam de praticar?

— Infamia é um pouco forte... emfim, já não é a primeira vez que assisto a scenas parecidas. Você, porém, excedeu-se. Francamente, não ha motivo para lagrimas...

— Não ha motivo para lagrimas! Então, horrendo lepismidio, encontro inutilizados os meus melhores volumes, e tu...

— Escuta, "homo sapiens", presumpçoso orthognata! (este idiota pensa que só elle é que sabe zoologia e latim...) Vamos acabar com esse mal-entendido existente entre nós e os bipedes implumes. E' preciso que elles se convençam do grande serviço que lhes prestamos. Um sujeito como tu, por exemplo, ainda moço, e sempre mettido na bibliotheca, devorando kilometros de linhas, tudo para que?

— Para que? Para illustrar o espirito, para compreeder a vida, para ser feliz!

— Engano, meu caro, puro engano! Só se póde compreender a vida vivendo-a. E só se vive a vida lá fóra, em contacto com a natureza, com a terra e com o céo, com as arvores e com as estrellas. Ou então, no torvelinho das cidades, lutando, gozando, amando, soffrendo, odiando, — vivendo, meu amigo, vivendo!

Que apprendes nesses livros? Tolices! Os homens só escrevem pela satisfação intima que isso lhes dá, por vaidade, por interesse, e não ensinar o que quer que seja aos outros. Esses livros estão cheios de falsidades, de mentiras. Escrever é um crime. Os homens, pobres! — vivem afogados em papel sujo de tinta, fogem da natureza e, por isso, são infelizes e maus.

E' em nós que se encontram os seus melhores alliados, pois, inutilizando, o mais que podemos, dessa obra nefanda que é o livro, libertamo-os, em parte, da peor das escravidões, a escravidão do espirito. Já imaginaste o que seria do mundo, si todos os livros escriptos desde que se inventou o papel tivessem sido guardados até hoje, ao abrigo da nossa silenciosa força destruidora?

Ouve o meu conselho, abandona esta sala, que mais parece um sarcophago. Deixa os livros comnosco. Para nós, sim, é que são o verdadeiro elemento. Sae, movimenta-te, vive! Olha, a tua vizinha da casa em frente é bonita. Procura-a, ama-a. Approveita esse resto de mocidade! Não te enterres vivo numa bibliotheca, entrega-nos os teus livros!

O homem começou a ouvir a traça espantado.

P o u c o a pouco, as suas palavras foram-no indignando. Como ousava aquelle animalculo referir-se com tal desdem á obra do homem? Que insolencia! Mas... e si tivesse razão? Si fossem verdadeiras e justas as suas palavras? Então, perdera elle a maior parte da vida em busca de uma chimera? Envelheceria e acabaria morrendo, sem ter vivido?

A'quella idéa, uma colera surda apossou-se da sua alma. Ente abominavel, insecto perverso e immundo, que viera perturbal-o e fazel-o duvidar!

Fechou raivosamente o livro, esmagando entre as paginas aquelle propheta de maldição. Todos os volumes foram depois furiosamente examinados, mortas as traças nelle encontradas e destruidos os seus ninhos. E o dinheiro que acabara de receber foi empregado em comprar livros, livros e mais livros, com os quaes gastou os ultimos annos de vida, na ansia de esquecer-se de que, na sua companhia, talvez tivesse perdido os primeiros, irremediavelmente.

TURISMO DO PEQUENO PERCURSO...

LICURGO COSTA

Velho turista de cartão postal, que quando tem dinheiro para viajar não tem tempo e quando tem tempo não tem dinheiro, eu resolvo o meu problema de conhecer paizes, visitando frequentemente ali pelas adjacencias da Praça Mauá tudo quanto é vitrine de companhia de navegação.

E me gabo de andar assim o mundo inteiro!

A's vezes tomo aquelles taxis de liquidação na Praça da Concordia e percorro Paris palestrando com o chauffeur de bonesinho e bigodões á guidon de bicycleta, chauffeur que foi "gavroche" em pequeno.

De outras feitas me apanho em Beverly Hills, na cidade que nunca foi dos meus sonhos, e fico por desfastio espiando Norma Shearer que passa se rebolando e tão parecida com a mulher de um amigo meu...

E assim eu ando por este mundo amigo, já tendo viajado Marrocos, India, Australia e Japão.

Pois si até já subi na carrocinha de duas rodas puxada por um zulú!

Jornadeando deste geito cruzei por cima do Everest, num avião que desceu em Nepal, na irriquieta alegria de uma tarde de sol, que nunca esquecerei.

Vi tambem o Krakatoa medonho, atirando para o céo fogo e agua!

E tenho, afinal, dado o que fazer ao coração debaixo dos luares mais bonitos deste mundo...

Um andarilho, um homem que tem viajado o seu pedaço!

E tudo tão facil, tão sem poeira e sem maresias que já não posso comprehender como outros collegas meus de turismo se sujeitam aos desconfortos de longas viagens para não conhecerem mais do que eu.

Depois, outro detalhe importante: ainda não encontrei nenhuma terra que me decepcionasse.

Acho em todos os lugares que vou, a novidade e a alegria que esperava.

Na minha conceituada opinião de turiste o mundo é todo differente.

Não sei como o finado Eça de Queiroz, tão fino e tão esquesito, encontrava no Oriente a mesmisse do Occidente e com grande pezar, entre a grandeza delle e a vulgaridade de Morand, fico ao lado deste, que todos os annos, depois dum balanço bem francez nas finanças, resolve percorrer mais alguns milhares de kilometros, para transformal-os depois em alguns milhares de linhas de um novo livro.

Para elle, qualquer São João do Sabará, daqui, do Japão ou da Palynesia, vale um livro... de seis francos.

E, lá, a seu modo, tem razão.

A prova é que está rico, com uma casa em Paris e outra na velha Bretanha dos marinheiros, onde eu já fui numerosas vezes...

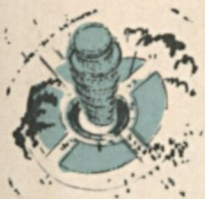
—:o:—

Emfim, o que eu desejo concluir, contribuindo com o meu quinhão, nesta época de inquietações turisticas, é que não é tão difficil conhecer o mundo.

Basta um pouco de philosophia e de imaginação.

E nós satisfazemos a curiosidade, sem contrariar os severos conselhos dos financistas que clamam pela necessidade de evitar a sahida do ouro do paiz...

—:o:—

Velho turiste de cartão postal, que quando tem dinheiro para viajar não tem tempo e quando tem tempo não tem dinheiro etc...

IRONIA
Eu vinha ao teu encontro
toda vestida de candura.
Nas mãos eu trazia o coração
Os meus olhos eram enxutos
e brilhantes
e os meus labios estavam
cheios de meiguice.
Mas os espinhos do caminho
deixaram-me as vestes rotas
e os meus olhos choraram lagrimas
que amargaram na bocca.
E quando tu me pediste
um pouco de doçura,
eu só te pude dar,
dos labios cheios de amargura,
um doloroso sorriso de ironia...
Toda a ironia que me deu a Vida!
MORROS
Erguidos para o céo
isolados,
como os monges,
estão os morros
a rezar pela cidade.
Longe do meu alcance:
tão sózinhos,
sem uma casinha branca
coitadinhos...
Eu quizera morar
lá,
bem no alto,
para de madrugada
acordal-os
de mansinhos
e depois tortural-os
com o egoismo
do meu amor!
Cantaria para elles...
e elles continuariam
erguidos para o céo,
como os monges,
a rezar
por mim...
MEU FILHO
Tu me pediste,
choramingando,
um banho na banheira grande.
E a agua tepida,
lambendo o teu corpinho branco,
era para ti,
para os teus olhos pequenos de creança
um mar grande
cheio de espuma...
o barulho do mar,
— a agua cahindo da pena larga —
fazia-te medo...
mas pouco depois, meu filho,
te habituavas
á enormidade daquelle mar
e as tuas mãosinhas,
espalmadas,
batiam com força na agua.
E as gottas d'agua
saltaram dentro dos meus olhos
e rolaram, depois,
salgadas,
pelas minhas faces...
Desde então, meu filho,
eu tenho sempre,
gottas d'agua dentro dos olhos.
LILA BANDEIRA
ILLUSTRAÇÃO DE THÉO

O ANNIVERSARIO DO AMERICA F. CLUB

Dois flagrantes colhidos durante o grande baile realizado a 22 de Setembro pelo America Football Club, commemorativo do

DUAS FORMIDAVEIS SUPER-PRODUCÇÕES
DA
Paramount
SEGUE O ESPECTACULO
(MURDER AT THE VANITIES)
com
CARL BRISSON
JACK OAKIE
KITTY CARLISLE
VICTOR Mac LAGLEN
AS
FASCINANTES "BEAUTIES"
de Earl Carroll e a
Orchestra "colored"
de Duke ELLINGTON

OS LABORATÓRIOS SILVA ARAUJO

na Feira Internacional de Amostras

Um aspéto do mostruario do "Stand" Silva Araujo.

Ha mais de meio século os Laboratórios de Silva Araujo & Comp. Ltda., fundados em 1871, constituem uma afirmativa pujante das possibilidades das realizações nacionais.

Estabelecimentos genuinamente brasileiros, empolgados pelo interesse de aperfeiçoar constantemente a técnica da manipulação, conseguiram os Laboratórios Silva Araujo atingir a um elevado grau de conceito público. Seus preparados são a cada passo receitados pela ilustre Classe Médica do País, que neles encontra a certeza absoluta do melhor produto.

O "Stand" dos Laboratórios Silva Araujo na Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro inaugura novos moldes de contacto e de intercâmbio profuso e eficiente entre a indústria que representa e o público.

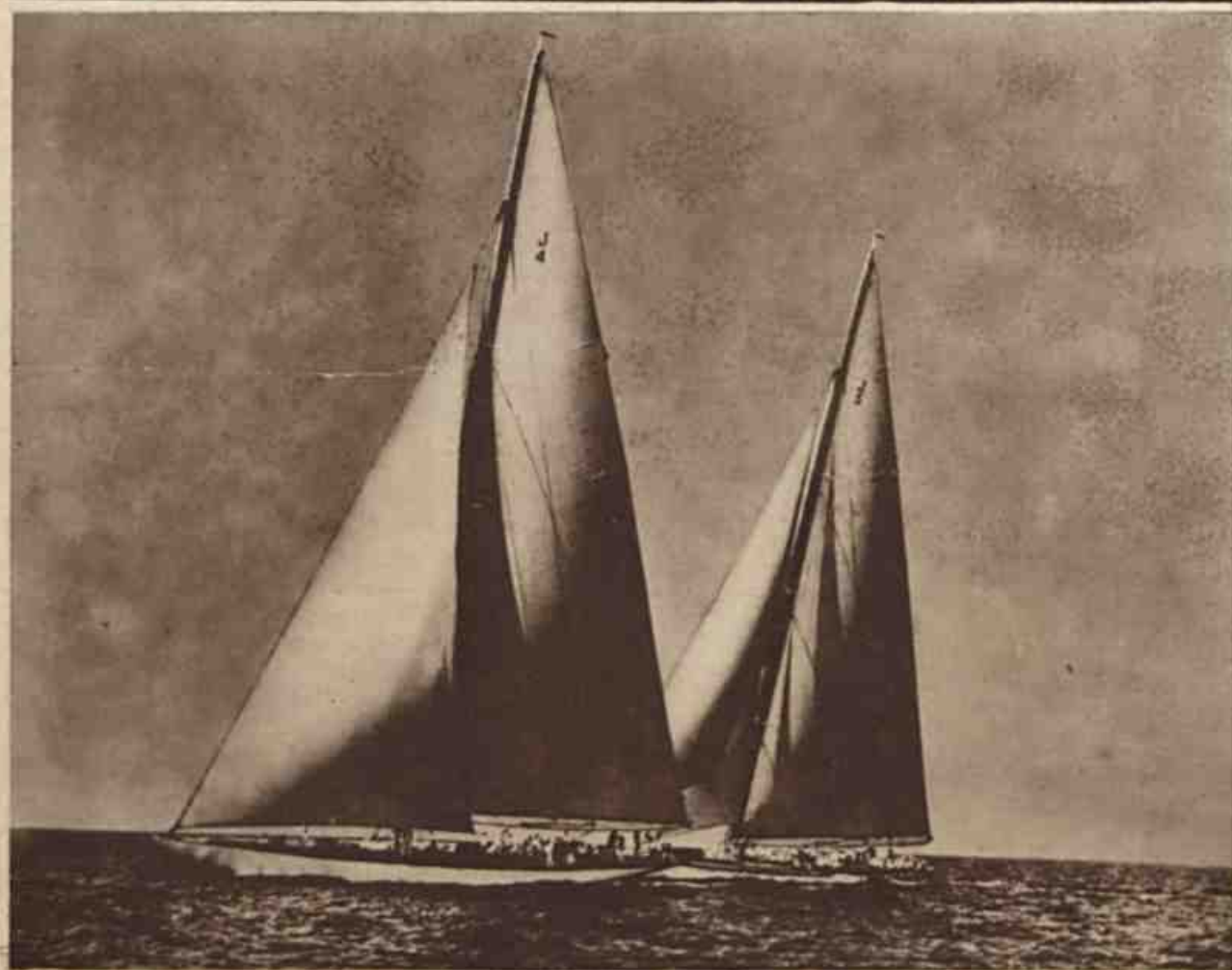
Pela arte e finura de sua construção, desperta o interesse, desde o aspéto de conjunto, sóbrio e preciso, até os simbólicos detalhes das Secções de Extratos Flúidos e Vacinas, extraordinariamente felizes. Pela seriedade da apresentação, inspira o respeito das iniciativas inteligentes e úteis sem restrição, que visam um sentido de elevado interesse social.

E' o "Stand" Silva Araújo um dos melhores da Feira e deve ser visto por todos que, realmente patriotas, procuram conhecer as grandes conquistas da indústria nacional, num esforço notavel para emancipação de nossa economia.

Entre os atrativos do importante certame figura o concurso de tests "Ingesta" cuja realização tem despertado a maior simpatia do mundo infantil, a cuja inteligência é dirigido.

Outro aspéto do "Stand" Silva Araujo.

A CAXAMBÚ na Feira de Amostras

Façam como o "VELHO": Nada de experiencias; só CAXAMBÚ!!!

Ás Regatas de Newport

O "Rainbow" e o "Weetamoe" em marcha para Newport, afim de disputarem ali a regata de hiates. A victoria coube ao "Rainbow", que era dirigido por S. Wanderbilt.

Senhora

SENHORITA...

Não tratemos, hoje, de vestidos e de chapéos, trajes de rua e trajes de baile.

Não pensemos ainda no comprimento dos vestidos, que, segundo informação segura, os costureiros pretendem modificar.

Falemos da "lingerie", uma parcella da elegancia feminina de real importancia.

No inverno — que se foi — a "lingerie" de seda era a preferida. Como o será na estação que passa, na vindoura tambem.

Os crêpes lavaveis, macios, coloridos de rosa, de azul, de amarélo, guarnecidos de rendas verdadeiras ou fantasias caprichosas, trabalhados com applicações de tulle ou de tecido, vestiram-nos de fórma ideal, encantando-nos pela finura que nos deram á silhùeta.

Sob os vestidos de verão usaremos "lingerie" fina tambem. Porque o tecido para o vestido esporte — de maior uso na estação do Sol — é sempre grosso, embora fresco.

Ha as que gostam da "lingerie" de linho, de opala, de "voile". Explica-se a preferencia por ser mais agradavel. No emtanto, taes pannos se applicam nas roupas de dormir: pyjamas e camisolas. A roupa de cama, durante o verão, será mais fresca e agradavel talhada em cambraia de linho, graciosamente trabalhado com applicações de seda.

Se o branco com rendas côr de canella é lindo na formação da "lingerie" do corpo, não menos bonita será a mesma renda como enfeite nos crêpes rosa, verde agua, azul, "lilás", morango...

Combinações e calcinhas de seda preta, ou se guarnecem de renda preta, bordados "rococó", a côres, ou de renda créme, :ocre", etc.

SORCIERE

Camisa de dormir, combinação, calcinha e "liseuse" de crêpe da China azul brilhante guarnecidas de entremeio de renda de filó "ocre" escuro.

DE TUDO UM POUCO

FOLHAS SOLTAS

(Humberto de Campos)

INGRATIDÃO

Jamais digas, nos dias de venturas,
Que de outro coração tua alma é dona
Se elle, acaso, de rastros, te procura.
— Lembra-te sempre que, na noite escura,
Até a tua sombra te abandona...

VIBORA

Iamos indo pela mesma estrada
Quando viste, na areia, enrodilhada,
Uma serpe, que vinha pelo chão.

E estremeceste. A vibora, enroscada,
Tomara a forma do teu coração.

SONHO...

A' luz da lua, que nos vê da altura
Espalhando perdão pelos espaços,
Vens a mim, palpitante, os olhos baços,
Dando-me a bocca pequenina e pura...

E acordei, meu amor, ferindo os braços
Na roseira da tua sepultura.

LENDA DA LUA

A Lua, pallida e fria, estranha, mysteriosa, sempre attrahiu a attenção do Universo. Dizem-na de maleficos resultados. A sciencia explica que a Lua influencia o Mar e que a ella devemos as mudanças de temperatura. Os antigos acreditavam que a Lua comia nuvens.

No Oriente a Lua é tida como ciumenta do Sol — amado da Terra — e que ella sente prazer em perturbar-lhes os esponsaes durante a primavera, que é quando ella brilha mais — justo no momento em que as flôres

se fecham — nascem as folhas, sentindo a ciumenta diabolico prazer em mutilar os presentes que, em tal epoca, e Sol destina á Terra.

A Lua exerce mysteriosa influencia no coração dos amantes.

SIGNIFICADO DAS FLORES

Os antigos orientaes, os namorados romanticos e até mesmo os politicos se têm servido das flores para expressar sentimentos e manifestar predilecções partidarias... Entre nós basta lembrar a preferencia, em certo quatriennio, pelo cravo vermelho.

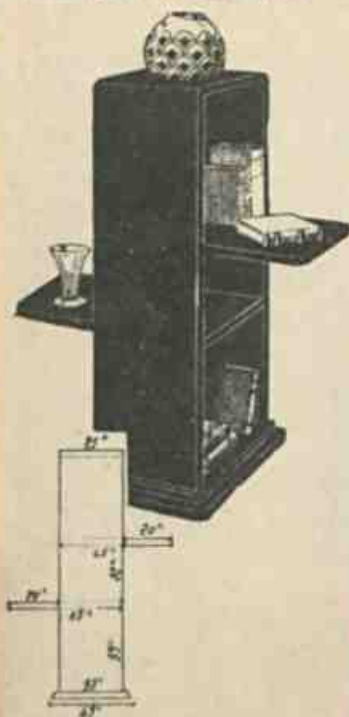
Assim, um ramalhete de flores póde ter alta significação e substituir mesmo massuda mensagem. Basta conhecer-lhes o codigo:

Rosa — belleza. Quando vermelha, paixão ardente. Branca, silencio e prudencia. Amarella, symbolo de infidelidade.

Cravo — altivez. Presente de cravos e rosa corresponde a uma declaração de amor com o competente pedido de casamento.

Papoula — esperança.
Flôr de laranjeira — pureza.
Hortensia — indifferença.

Margarida — Amas-me?
Myosotis — lembrança.
Flôr de macieira — preferencia.
Jasmim — amabilidade.
Violeta — modestia.
Angelica — melancolia.
Camelia — reconhecimento.
Primavera — amisade.
Chrysanthemo — orgulho, reserva.
Sensitiva — pudor.
Magnolia — indiscreção.
Amor-perfeito — acautela-te.
Gira-sol — inconstancia.
Cravo de defunto — desespero de causa.
Heliotrope roxo — esperanças frustradas.
Lilaz — apaziguamento.
Flôr de pecegueiro — renuncia.
Flôr de romã — decisão.
Dama da noite — desconfiança.

MOVEL MODERNO

Num angulo de "budoir", da sala de visitas ou do escriptorio, este movel serve sempre. Nelle se podem colocar os livros no momento, um serviço de "cocktail", um trabalho qualquer — de bordado ou de pintura — a caixa de papel de cartas, tinteiro, etc.

E' formado por 7 pedaços de taboa com 2 cms. de espessura, 2 das quaes medem 0m.93x0m.25 — os dois lados em vertical —; uma com 0m.33 x0m.25, o de cima; duas para a base: uma de 0m.37x0m.29, e outra de 0m.43x0m.35; as duas taboas de dentro: 0m.28x0m.45.

Ao lado um "schema" do movel.

CÉO E TERRA

A paixão dominante era o céo: ambição do azul que ella attingia — a aviadora que tivera a Rumania por berço, a graciosa Smaranda Braescu — O céo, dia a dia, era seu maior anseio. Prompta a machina que a levava ao espaço esplendido, a joven que batera o "record" da descida em para-quêdas, nos Estados Unidos, se confessava feliz...

Agora o que a empolga é o ensino do Evangelho ás populações do Far West.

Céo...
Terra.

Blusa de crepe estampado — Vestido de linho rosa cravo.

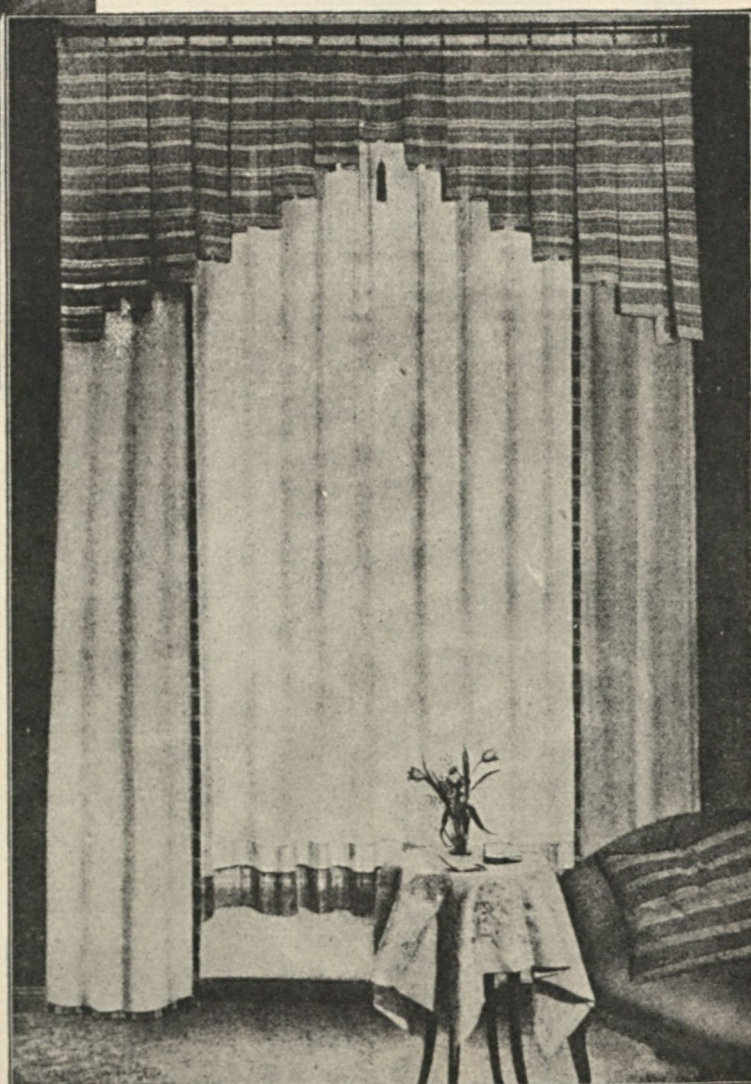
INGRATIDÃO

(Amado Nervo)

A ingratidão provém frequentemente, do orgulho. Dever alguma cousa a alguem a quem não podemos retribuir o favor irrita de tal maneira o orgulhoso que o facto se converte em idéa fixa, acabando por se transformar em odio o que só devêra ser amor.

E' estado de animo que muito depende tambem da maneira pouco discreta de quem, sem recordar claramente o obsequio prestado, procura, todavia, que o beneficiado o recorde sempre.

Até os casacos que cobrem os "maillots" de banho de sol soffrem a influencia chineza. Aqui está um, apresentado por Grace Bradley, uma loira do cinema que, para mais de perto seguir a moda nova, alterou a feição do rosto de maneira a parecer-se com o povo "amarelo".

Cortina de velludo carmim forrada de seda branca.

A DECORAÇÃO DA CASA

Diaphano e branco e tulle que cobre os vidros da janella: de tecido escuro — havana, marinho, verde garrafa — as cortinas, sendo a galeria coberta por um "bandeau" do mesmo tecido bordado a grosso cordão de seda branco. O mesmo cordão termina a barra das cortinas e ainda guarnece a poltrona á direita.

"Store" de étamine natural; cortinas de linho pardo; "bandeau" de cima de linho natural listrado de verde e de preto.

Guarnição apropriada a janella de "hall", sala de almoço, ou sala de estar em casa de campo.

Aqui estão varios modelos de vestidos para primeira commungante. Todos podem ser talhados em organdi, cambraia de linho, opála, musselina de linho ou de algodão. Uns guarnecidos de pregas meúdas; outro com entremeios de plissados; outra, o ultimo, n. 8, todo em pregas "religieuse"; o de n. 7 singelamente...

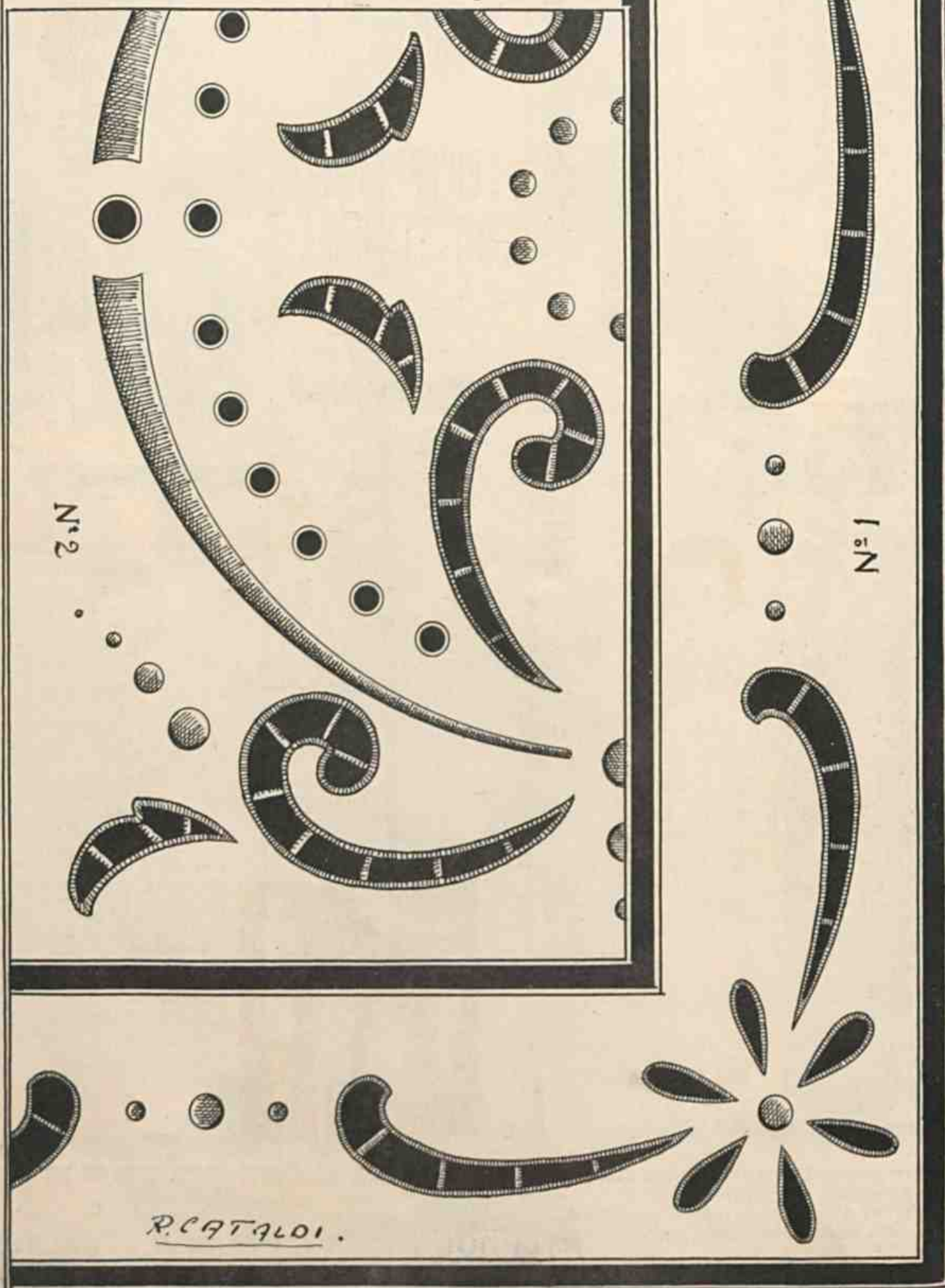
...aberto com bainhas e "feston", bainhas e que se veem no de n. 6, ainda com hombreiras em ninho de abelhas e plissados no cinto, na gola, nos punhos das mangas; recortes de dentes no de n. 5. Vestidos de feitura facil. E quão encantadoras ficarão as meninas neste primeiro traje de **noiva...**

COMO VESTEM AS "ESTRELLAS" DO CINEMA

FAY WRAY — bonita mulher e elegante — apresenta, em "Coração de Aço" (Master of Men), da Columbia Pictures, trajes ideados pela arte notavel de Kallock.

O "film", brevemente na Cinelandia, terá, assim, mais um motivo de seducção.

BORDADO

N. 1 — Barra para fronha; n. 2 — Centro de mesa. Ambos com bordado inglez, ponto cheio e ilhós. A' volta do Centro de mesa, applique-se uma renda em bicos de 2 ou 3 cents. de largura.

1 — Traje de crêpe da China amarelo adornado de bainhas em escada; 2 — vestido de crêpe setim branco, gola e mangas franzidas; 3 — vestido de "crepon" de seda branco, flôres azul pastel na gola e no cinto; 4 — vestidinho de musselina de seda rosa carmim, enfeites de renda "ocre"; 5 — gracioso vestido de crêpe de...

...seda verde agua; 6 — ninho de abelhas guarnece a pála deste vestidinho de crêpe "salmon", guarnição completa por viezes de setim branco; 7 — vestido de crêpe branco enfeitado com carreirinhas de renda Valenciana; 8 — calças de lã branca, avelludada, blusa de crêpe e seda côr de biscoito, com preguinhas e bainhas de escada.

VESTIDOS PRATICOS

"Ensemble" de crêpe preto e bolinhas brancas.

Crêpe de sêda ou "voile" estampado, servirão para este vestido.

Vestido de cambraia branca estampada de "marron"

Lindo traje de musselina rosa estampada de preto e de azul; faixa e gola de setim preto.

"Deux pièces": o vestido de baixo é de crêpe havana; o casaco de "quadrillé" "marron" escuro e azul brando.

Como eliminar as rugas verticaes da testa?

DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

As rugas verticaes da testa estão situadas em cima do nariz, entre os supercilios e são, no geral, em numero de duas. Ellas provêm da contracção de um pequeno musculo chamado pyramidal. Constituem um defeito devéras notavel pelo facto de darem ao rosto não só uma physionomia envelhecida, como tambem um aspecto de continua preoccupação. Principalmente as senhoras, se aborrecem bastante desse defeito, se bem que seja hoje em dia perfeitamente curavel. As operações de esthetica não produzem resultado satisfactorio na eliminação das rugas verticaes da testa e, uma intervenção de tal natureza corrige sómente por alguns dias essa desgraciosidade pois, após algum tempo, novas contracções musculares effectuadas são o bastante para que as rugas reappareçam.

As injecções de parafina são nesse caso, como nos demais, completamente contraindicadas. Muitos rostos deformados e que constituem a infelicidade de muitas senhoras são provenientes das funestas injecções de parafina feitas criminosamente em muitos salões de pseudos institutos de belleza.

Sicard, de Paris, aconselha a applicação de alcool para paralysar o musculo pyramidal, cuja technica varia de accordo com cada caso particular. E', sem duvida alguma, o unico methodo aconselhavel e cujos resultados são sempre satisfactorios. O bello sexo encontra, portanto, nesse processo o unico meio até hoje conhecido para fazer desapparecer totalmente as rugas verticaes da testa.

O tempo necessario para a eliminação completa dessas pequeninas rugas é bem curto e as applicações, praticamente, indôlores.

Com o methodo preconizado por Sicard, de Paris, relativamente facil e sem reacção de especie alguma, nada mais pratico do que a correcção das rugas verticaes da testa, que dão ao rosto um aspecto de severidade bem accentuada e que nem sempre é a expressão da verdade.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao Dr. Pires — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA
Nome ....
Rua ....
Cidade ....
Estado ....

CONTEMPLADOS NO 19.° TORNEIO DE PALAVRAS CRUZADAS

CAPITAL FEDERAL

Mario D. Monteiro — Sampaio Vianna, 68 — c. — 16 — Rio Comprido.
Martha — José Vicente, 68 — Andarahy.
Lauro Gomes de Souza — Travessa Pompeu Loureiro, 10, c. 2.

SÃO PAULO

Victorum M Salette, 52 — Capital.
Professor José Malachias — Av. Campos Salles, 108 — Santos.
Lycia Carvalho Costa — Conselheiro Cotegipe, 93 — Capital.

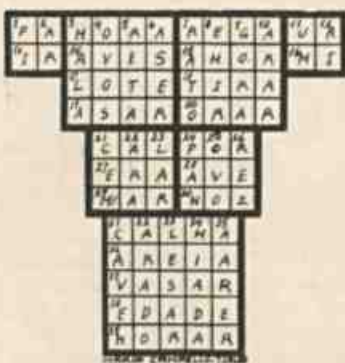
RIO GRANDE DO SUL

Luiz Portella Rodrigues — Cidade de Santa Victoria.

PERNAMBUCO

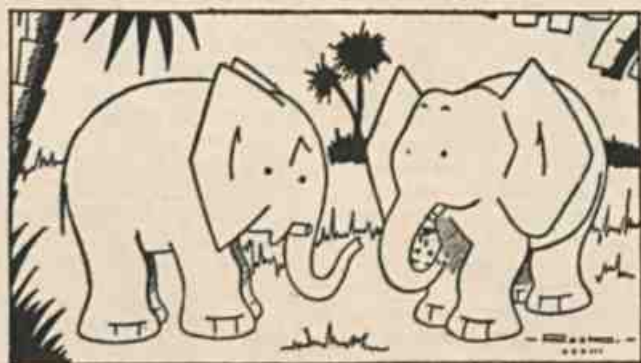
Clarice R. Leite — Pesqueira.
Rainha Claudia — Caixa Postal — Victoria.

CEARA'

Arnaldo Accioly Gomes — Cidade do Crato.

A solução do 19° torneio de Palavras Cruzadas.

N. B

Havendo pequeno engano na chave vertical 35, resolvemos apurar todas as decifrações enviadas com o nome de *arrer*.

Para matar o tempo

Onde está o domador destes elephantes?

CARTA ENIGMATICA

Mais uma interessante anecdota para os campeões desta secção. As soluções devem ser enviadas á nossa redacção — Travessa do Ouvidor, 34 — Rio, até o dia 3 de Novembro e na edição d'O MALHO do dia 15 do mesmo mez, apresentaremos o résultado do sorteio procedido, sendo distribuidos entre os concorrentes que nos enviarem as decifrações certas e acompanhadas do "coupon" respectivo Dez magnificos premios.

CARTA ENIGMATICA

Coupon n. 47

Nome ou pseudonymo .. ..

Residencia .. ..

CORRESPONDENCIA

A. C. DE BARROS — Apreciámos muito sua carta, mas: a solução estava errada: — em logar de cravo, V. decifrou na flor...

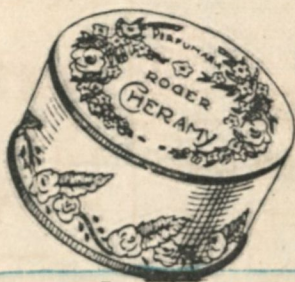
Recebemos e vão ser submettidos a exame os trabalhos dos nossos collaboradores:

Clara Maria, Belmiro Novais, Maria da Gloria (Pintinha), Aldo Chaves e Antonio Freire.

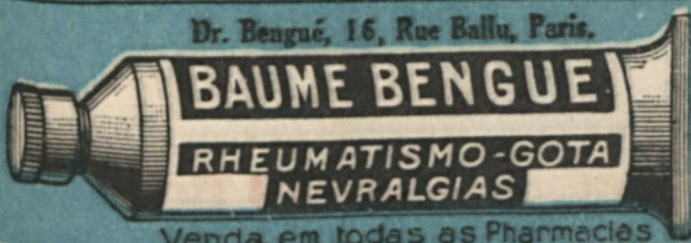
PÓ DE ARROZ

Roger Cheramy

QUALIDADE FINISSIMA

PREÇO POPULAR

"LUZES FEMININAS"

Opusculos Mensaes, de 64 paginas para Moças e Senhoras — Assignatura annual: 12$000 — Rua dos Invalidos, 42 — Rio.

LITTERATURA — FORMAÇÃO — INFORMAÇÃO

BIBLIOTHECA INFANTIL
D'O TICO-TICO
O melhor presente para as creanças é um livro. Nos livros, cujas miniaturas estão desenhadas nestas paginas, ha motivos de recreio e de cultura para a infancia. Bons livros dados ás creanças são escolas que lhes illuminam a intelligencia. O bom livro é o melhor professor.
VÔVÔ D'O TICO-TICO
de CARLOS MANHÃES
HISTORIAS DE PAE JOÃO
DE OSWALDO ORICO
PAPAE de JORACY CAMARGO
PANDARECO, PARA-CHOQUE E VIRALATA
DE MAX YANTOK
ZÉ MACACO E FAUSTINA
de ALFREDO STORNI
CHIQUINHO DO TICO-TICO
de CARLOS MANHÃES
NO MUNDO DOS BICHOS
de CARLOS MANHÃES
Comprae para vossos filhos os livros da Bibliotheca Infantil d'O Tico-Tico, á venda nas livrarias de todo o Brasil.
PEDIDOS EM VALE POSTAL OU CARTA REGISTRADA COM VALOR A
Bibliotheca Infantil d'O Tico-Tico
Trav. Ouvidor, 34
RIO DE JANEIRO
VÔVÔ D'O TICO TICO
HISTORIAS DE PAE JOÃO
Papae
PANDARECO, PARACHOQUE E VIRALATA
ZÉ MACACO E FAUSTINA
CHIQUINHO D'O TICO-TICO
NO MUNDO DOS BICHOS
5$